

ELY MARTINS

Tardes de Outono

Livro I



COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES



Tardes

de

outono

Livro I

Coleção As Quatro Estações

Autor: Ely Martins

Tardes de Outono - Livro I - Coleção As quatro estações



Copyright © 2018 Ely Martins

Revisão e diagramação: Constelarium Design

Capa: Constelarium Design

Ano de publicação: 2018

Literatura Brasileira

Romance

Drama

Todo o conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais.

É proibido sua cópia, reprodução, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição na sua totalidade ou em parte sem autorização prévia do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados pelo autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Setembro/2001](#)

[Capítulo 2](#)

[Dezembro/2001](#)

[Capítulo 3](#)

[Janeiro/2002](#)

[Capítulo 4](#)

[Setembro/ 2002](#)

[Capítulo 5](#)

[Maio/2003](#)

[Capítulo 6](#)

[Fevereiro/2006](#)

[Capítulo 7](#)

[Julho/2007](#)

[Capítulo 8](#)

[Dezembro/2007](#)

[Capítulo 9](#)

[Janeiro/2008](#)

[Capítulo 10](#)

[Junho/2008](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Setembro/2008](#)

Prólogo



Estranhei quando entrei em nosso quarto e não a vi, deitada de lado em nossa cama como todas as noites. E eu nem deveria me surpreender, afinal nosso casamento naufragava e não havia mais volta. Eu me aproximei da cama e abri o envelope que estava sobre meu travesseiro, prendendo a respiração ao ver seu conteúdo. Mel se adiantou a mim, me concedendo o divórcio que já era uma realidade em nossas vidas há alguns meses. Tempo exato em que ela voltou às nossas vidas e destruiu tudo o que construí ao lado de Mel

Ainda segurando o envelope, eu sai do quarto e segui para o quarto de hóspedes onde sabia que ia encontrá-la. Apenas a luz fraca do abajur iluminava o ambiente, e assim, eu percebi seu rosto manchado pelas lágrimas logo que me aproximei da cama.

Eu me sentei na poltrona, sentindo um aperto em meu peito. E não era uma sensação boa, muito pelo contrário. Definitivamente não era pena. Mel não era digna dela. Era uma mulher forte, batalhadora, honesta, íntegra, fiel. Eu não tinha adjetivos suficientes para descrevê-la. O que eu sentia era culpa. Uma horrível culpa que me corroía desde o momento em que Anika

reapareceu em minha vida.

A loira Anika que foi minha paixão de adolescência e se estendeu até os vinte anos quando finalmente aceitei que nunca daria certo entre nós. A distância social que nos separava era grande demais. Então eu conheci Mel e acreditei que ela era tudo o que eu precisava para esquecer aquela estúpida paixão. E eu consegui. Acredito que amo a minha esposa. Mas eu realmente não acredito que se possa amar uma pessoa e ainda assim se apaixonar por outra... ou continuar apaixonado.

Mas isso aconteceu. Eu descobri que ainda sou loucamente apaixonado por Anika... e isso afundou meu casamento. Por isso eu segurava agora aqueles papéis do divórcio. Mel sabia que mais cedo ou mais tarde eu faria isso. Eu abandonaria meu casamento para viver a minha paixão interrompida anos atrás. Honestamente, era o certo a fazer. Mel não merecia uma traição. Não merecia um homem incompleto. Não merecia um homem como eu.

Suspirando, eu me levantei da poltrona e olhei mais uma vez para o rosto triste da minha esposa.

—Perdoe-me.

Falei baixinho antes de sair e seguir para o quarto que fora nosso. Precisava tomar um banho... e seguir para meu encontro com Anika. Ela vinha me pressionando e tenho a certeza de que agora ficaria feliz em saber que eu estava livre. Livre para ela. O engraçado é que eu não me sentia tão livre assim.

Capítulo 1



Setembro/2001

A vida era uma merda. Uma grande, insuportável e fedida merda. Eu não conseguia acreditar que, tal e qual aquele ditado, eu nadei... nadei e morri na praia. Morto. Quase literalmente morto. Aliás só não estou morto porque sou tão azarado que nem a morte me quer. Eu poderia ter explodido junto com as torres gêmeas, talvez assim acabasse meu sofrimento.

Eu sei que muita gente diz, inclusive meus colegas de faculdade, que eu sou um cara exagerado, paranoico... o rei do drama. Mas o que eles não entendiam é que na verdade eu sou um homem apaixonado. Irrevogavelmente apaixonado por Anika Ebner, a loira mais linda que meus olhos já tiveram o prazer de ver. Alta, loira, corpo escultural... sexy como nenhuma Angel conseguirá ser um dia.

Nossos pais eram vizinhos desde que tínhamos quinze anos e foi assim que explodiu minha paixão por ela. Anika foi a primeira garota que segurei a mão. A primeira garota que beijei, que dei presentes, que tive meu primeiro sonho erótico. Só não digo que ela foi minha primeira transa porque na realidade não foi. Se eu soubesse que poucos meses mais tarde ia conhecê-la, eu jamais deixaria minha curiosidade me vencer, o que me levou a ter minha

primeira vez com Laila, uma garota de dezessete anos. Eu já era bem desenvolvido para minha idade e aparentava dezoito e não quinze anos. Talvez por isso Laila tenha resolvido me presentear em meu aniversário, me iniciando na vida sexual.

Porém pouco depois conheci Anika e me arrependi de não ter esperado um pouco mais. Anika era meu anjo, minha garota pura que eu ia respeitar até o dia em que nos casássemos.

Era isso mesmo. Aos dezesseis anos eu descobri que era com ela que eu queria me casar. Apesar de tudo, eu ainda carregava comigo o amargo sabor da inocência. Eu acreditava mesmo que seu pai, dono de uma das mais famosas editoras do país ia permitir que eu, filho de um professor e de uma dona de casa namorasse sua princesa? Bom, o melhor disso tudo é que ela era tão apaixonada por mim quanto eu por ela e assim namorávamos escondido.

Pouco antes de completar dezoito anos eu ingressei na faculdade de direito como bolsista. Para dizer a verdade, esse não era meu sonho, mas acreditei que era uma profissão que me traria status e assim minha condição financeira não seria empecilho para meu romance com Anika. Eu segui em frente com meu curso, trabalhando meio expediente como garçom... e ainda apaixonado por Anika. A essa altura ela já era modelo e começava a fazer sucesso. Eu morria de ciúme, é claro, mas então ela me olhava com aqueles incríveis olhos azuis...e eu me desmanchava de amor.

Ainda segurando a garrafa de uísque barato, sentado em um banco qualquer do parque, eu permiti que algumas lágrimas rolassem pelo meu rosto. Eu ainda não conseguia acreditar que aquela merda tinha acontecido e fodido com minha vida.

Duas semanas atrás

Eu olhava emocionado para a aliança em minha mão, sabendo que meu pai provavelmente ia querer me matar ao saber que economizei tanto para fazer aquela loucura. Isso na mente dele, pois na minha não era loucura alguma colocar aquele aro no dedo de Anika selando nosso compromisso. Eu

sei que ela estava disposta a esperar enquanto eu concluía minha faculdade para então contarmos aos pais dela sobre nosso relacionamento. Porém, nada me impedia de oficializar pelo menos entre nós dois. Já estávamos há dois anos nesse namoro oficial entre nós, mas escondido do resto do mundo.

—Filho?

Eu quase pulei de susto ao ouvir a voz da minha mãe. Rápida e disfarçadamente eu coloquei a aliança no bolso da minha camisa e girei levemente o corpo, sorrindo para ela. Minha mãe ainda era uma mulher jovem e bonita, mas algumas marcas de expressão em seu rosto não deixavam dúvidas do quanto batalhou, trabalhou arduamente na tentativa de ajudar meu pai. Sem ter concluído o colegial, ajudava do jeito que podia, fazendo faxinas ou passando roupas.

—Oi dona Natalie... a que devo a honra?

Gracejei fazendo com que ela rolasse os olhos e se sentasse ao meu lado.

—Vim perguntar se não quer um lanche. Chegou da faculdade e se enfiou aqui. Mas pelo jeito pretende sair...

—Não estou com fome, mas obrigado pela preocupação.

—Acertei? Vai mesmo sair?

—Sim, mas não vou muito longe. Só vou conversar um pouco com a Anika.

Minha mãe soltou um longo suspiro e me encarou profundamente com seus olhos castanhos como os meus.

—Você tem certeza do que está fazendo, meu filho?

—Como? Não entendi.

—Você acha que engana sua mãe, Daniel? Justo eu que carreguei vocês por nove meses, que passei noites em claro com você no colo, que

acompanhei cada passo de sua vida? Eu sempre soube que há mais que amizade entre você e Anika.

—Eu a amo, mãe. Nós nos amamos.

—Ambos sabemos que isso não dará certo. Ernest jamais vai permitir.

—Eu estou estudando, mãe. Serei um advogado de sucesso e terei dinheiro não só para manter Anika como para ajudar vocês.

—Eu confio em sua capacidade, mas...

Ela balançou a cabeça.

—Não é a questão financeira apenas.

—Mãe... por favor, torça por mim. Nós nos amamos.

—Eu só não quero que você sofra, querido. Mas se isso acontecer... você sabe que colo de mãe não envelhece nunca.

Eu a puxei para os meus braços, enchendo-a de beijos. Entendia sua preocupação, mas ela não fazia ideia de como era meu relacionamento com Anika. Mais tarde ela me daria razão.

Meia hora depois eu saía de casa, após mandar uma mensagem para Anika. Marquei de encontrá-la no nosso lugar de sempre. Uma pequena cabana abandonada que pertenceu a velha senhora Wood. Contudo, eu sequer me afastei da entrada da minha casa e vi Anika sair de um luxuoso carro preto. Um rapaz alto, loiro e forte segurava a porta para ela. Ele passou o braço em volta da sua cintura e a beijou rapidamente nos lábios, fazendo meu coração disparar.

Eu ofeguei, os olhos arregalados dando um passo para frente. Nesse momento Anika olhou em minha direção e ficou pálida. Cochichou algo com o rapaz que me olhou rapidamente, deu mais um beijo nela e se afastou. Eu fechei minhas mãos, segurando a vontade de avançar naquele cara e esmurralo até machucar bastante sua cara.

—Daniel...

—Que merda foi aquela Anika? Por que aquele cara estava te beijando?

—Por favor, não grite.

Eu não percebi que estava gritando até ela falar. Mas a verdade é que aquela cena me desestabilizou, me deixou apavorado. Lá no fundo eu sentia que algo de errado estava acontecendo.

—Então me diga por que diabos aquele cara estava beijando a minha namorada?

—Eu sinto muito, Daniel... de verdade. Você sabe que eu te amo, mas... meu pai acha que devo me casar e...

—Ótimo. Eu até já comprei uma aliança para você. Era isso mesmo que eu ia fazer, por isso mandei aquela mensagem e...

—Não. Pare, por favor. Meu pai já escolheu meu noivo.

—O que?

—Glenn. Aquele rapaz que estava comigo. Nossos pais são sócios e... enfim, será bom para os negócios.

—Por Deus do céu. Um casamento por conveniência? Estamos em dois mil e um, pelo amor de Deus.

—Eu sinto muito. De verdade. Não me procure mais, Daniel. Eu vou me casar com o Glenn.

—Não! Não, Anika. Olha... você já é maior de idade, não precisa obedecer às ordens do seu pai.

Mas ela não me deu atenção, se afastando de mim. Desespero. As palavras bateram em meu cérebro e eu sentia que gritava por dentro. Eu não ia perder Anika... não... isso não. Quando dei por mim eu a segurava com

força pelos braços, puxando-a para mim. Ela tinha que perceber que nos amávamos e que ela não podia embarcar naquela loucura. Entretanto, eu não tive tempo de sequer falar qualquer coisa. Eu senti um punho me atingindo e eu fui ao chão.

—Tire as mãos da minha filha, seu inútil.

Ernest Ebner me olhava com evidente nojo.

—Eu fechei meus olhos para a amizade de vocês, mas pelo amor de Deus, rapaz, acha mesmo que vou permitir que namore minha filha? Você é um zé ninguém, um vida torta, sem eira nem beira.

—Papai, pare. Não fale assim.

—Cale a boca Anika. Chega dessa palhaçada. Entre agora. E você, rapaz... não se aproxime dela nunca mais ou terá consequências.

Estático, eu vi Anika se afastar e logo ser abraçada pelo loiro que estava parado na varanda casa. Era o fim do meu sonho.

Fim - lembranças

—Sabe... eu nunca acreditei que se embriagar resolvesse qualquer problema.

Eu ergui a cabeça ao ouvir a suave voz feminina. Minha cabeça girou com meu gesto e eu fiz uma careta. Estava bêbado... muito bêbado. Vi a imagem desfocada de uma garota, provavelmente uma adolescente que eu não fazia ideia do que estava fazendo ali.

—E alguém perguntou alguma coisa?

—Não. Mas eu sou assim mesmo. Estou cansada de ver bêbados aqui afogando as mágoas em vez de correr atrás do que causou a bebedeira.

—E de que adianta correr se a mulher da minha vida vai se casar com outro?

—Ow... isso é realmente uma merda.

—Sim, uma fodida merda. Qual o seu nome?

—Melanie. Mas prefiro que me chamem de Mel.

—Oi Mel. Sou Daniel. Posso alugar seus ouvidos?

—Acho que temos tempo.

E foi assim, entre goles de uísque, soluços e frases emboladas que eu contei minha vida para uma completa estranha. Mel era uma boa ouvinte e após quase uma hora de monólogo eu a ouvi suspirar.

—É uma linda história de amor proibido. Mas se me permite, Daniel...

Ela ficou em silêncio e então eu ergui a cabeça. Apesar de ainda mais bêbado, eu incrivelmente enxerguei seus olhos. Inferno. Tão azuis quanto os de Anika.

—Ninguém morre de amor. Amores vem e vão. Você não pode nunca entregar a sua felicidade nas mãos de outro, agindo como se você dependesse única e exclusivamente de outra pessoa para ser feliz. Não é, querido. Você só depende de você mesmo.

Ela colocou a mão macia sobre a minha.

—Vá batalhar por coisas que trarão a felicidade para você. E se ela, realmente fizer parte da sua vida, de uma forma ou de outra ela voltará para você.

—Você é psicóloga?

Foi tudo o que eu disse antes de ouvir a risada melodiosa... e em seguida eu provavelmente apaguei.

Capítulo 2



Dezembro/2001

A decoração natalina pelas ruas de Fort Toment não atraía minha atenção. Na verdade, eu parecia meio anestesiado, sufocado, e por que não dizer... apavorado. A hipótese de rever Anika revirava minhas estranhas e eu sentia vontade de vomitar. Após me dar um belo chute na bunda, ela simplesmente sumiu. Saiu da cidade e pelos rumores estava morando em Nova York. Felizmente Ernest Ebner também estava cada vez mais ausente, dessa forma eu não precisava ver a desagradável carranca daquele desgraçado.

No começo eu pensei que fosse desmoronar e abandonar tudo, inclusive a faculdade. Porém, eu encontrei forças onde eu menos esperava. Naquele banco de praça ou melhor, naquela garota. Mel.

Três meses atrás

Eu apertei meus olhos com força quando a forte claridade me cegou. Ao mesmo tempo, o cheiro de café me alcançou, revirando meu estômago. Rapidamente eu girei na cama, afinal não estava disposto a vomitar na cama e levar uma bronca da minha mãe. Mas, a primeira coisa que enxerguei ao abrir os olhos foram pés delicados com as unhas pintadas em um tom claro.

—Merda.

—Bom dia para você também, Daniel.

O susto me fez sentar na cama imediatamente e por um breve instante eu esqueci o mal-estar provocado pela ressaca e encarei a bela garota à minha frente.

Os cabelos escuros faziam um contraste impactante com a pele clara e os olhos intensamente azuis. A boca era pequena, assim como o nariz charmoso. Seus cílios eram longos, provavelmente resultante daquelas maquiagens estranhas. Entretanto todo o seu rosto parecia limpo, fresco, natural. Desci o olhar para o corpo pequeno e voluptuoso, coberto apenas por uma grande camisa do ACDC, deixando as coxas grossas e leitosas a mostra. Subi meu olhar novamente e a encontrei sorrindo cinicamente. Porra... ela era linda.

—Acabou a inspeção senhor Edgcomb?

Era a garota do parque? Só podia ser. Mas... eu estive tão bêbado que não percebi o quanto ela era bonita? Aquela não era uma beleza que podia simplesmente passar despercebida. Melanie. Mel. O nome veio à minha mente com uma facilidade tão impressionante que eu me perguntei se estive mesmo bêbado ou se foi apenas uma momentânea fuga da realidade que me deixou alheio a qualquer coisa que não fosse a dor.

—Me...Mel?

—Uau... você não esqueceu o meu nome? Bem que desconfiei que era um bêbado simpático.

Ela sorria brilhantemente e me ofereceu a xícara que segurava.

—Fiz para você. Pensei que talvez fosse precisar.

—Obrigado?

Soou mais como uma pergunta e ela riu, se afastando enquanto juntava os cabelos em um coque, deixando o pescoço delicado à mostra.

—Essa é sua casa?

—Sim. Você apagou de repente e irresponsavelmente não carregava nenhum documento. Eu não podia simplesmente deixa-lo lá, não é?

—E como você me trouxe? Você não me parece tão forte assim.

Ela rolou os olhos e abriu uma gaveta de onde tirou uma camiseta. Abriu outra e pegou um short jeans.

— Um conhecido me ajudou a trazer você. Eu moro bem ao lado daquela praça. Claro que antes, meu colega citou inúmeros motivos pelos quais eu não deveria ajudar você, mas ignorei todos.

—E ele está certo. Eu podia ser um...sei lá... psicopata.

Provei do café e cheguei a fechar os olhos. Apesar de forte e amargo a bebida estava deliciosa.

—Um psicopata apaixonado é melhor que um assassino.

Eu engoli seco e no mesmo instante ela me encarou, mordendo os lábios.

—Desculpe.

—Não. Está tudo bem.

Ela suspirou e se ajoelhou à minha frente, colocando as mãos pequenas e delicadas sobre minha perna.

—Eu não sei se você se lembra de tudo o que eu disse ontem, mas eu vou repetir, pelo menos o mais importante. Ninguém morre de amor, Daniel. Você precisa se amar primeiro. Se tiver que ser, será. Mas acredite... mulher nenhuma vai querer um homem que fica chorando pelos cantos. E desculpe se estou sendo invasiva.

—Não. Você está certa.

Ela apertou a mão sobre minha coxa e eu encarei seus olhos. Azuis como os de Anika, mas tão diferentes! Eu não sei explicar o que os tornava únicos.

—Tudo vai ficar bem.

E naquele momento... eu acreditei.

Fim- lembranças

A partir desse dia, Mel e eu fomos nos tornando amigos. Incrivelmente eu descobri que ela também frequentava a faculdade de Fort Toment, mas diferente de mim, ela cursava gastronomia. Estava explicado porque até mesmo o café cura ressaca era tão delicioso. Estávamos juntos, sempre nos dias de folga, ou nos finais de semana. Aliás, nossas folgas não coincidiam por acaso.

Eu a apresentei aos meus pais há um mês e como não poderia deixar de ser, eles se apaixonaram por ela. Motivos para isso não faltavam. Inteligente, educada, divertida, atenciosa, prestativa. Às vezes eu me perguntava se eu não estava sendo um canalha com ela, me aproveitando de seu jeito desprendido para não me lembrar da dor da perda.

Eu não estava bebendo, chorando e amaldiçoando o mundo por causa de Anika. Mas eu ainda a amava... ainda sofria. Doía e doía muito. Mas quando Mel estava por perto essa dor se tornava ínfima, quase inexistente.

Entrei em casa correndo, o cheiro da comida maravilhosa de minha mãe me alcançando no mesmo instante.

—Oi mãe, cheguei.

Apenas gritei seguindo para o meu quarto. Coloquei a sacola sobre a cama e tirei minha roupa, ficando apenas com a boxer. Minha pretensão era tomar um banho, comer alguma coisa e depois ir até a casa de Mel. Antes que eu alcançasse a toalha, a porta que deixei entreaberta foi completamente escancarada.

—Daniel, sua mãe...

Mel parou subitamente, a boca aberta e seu olhar percorrendo meu corpo de cima a baixo. Eu senti meu rosto esquentar, mas ao mesmo tempo um arrepio percorreu minha pele. Seu olhar era cálido, intenso, penetrante.

—Uau! Hum...desculpe. Eu deveria ter batido antes de entrar.

—Não. Eu que deveria ter fechado a porta.

Falei agarrando a toalha jogada sobre a cadeira e amarrei em minha cintura.

—Então?

—Ah... sim. Sua mãe quer saber o que você prefere para a sobremesa. Pudim ou mousse?

—Você vai fazer o pudim?

—Sim.

Ela respondeu sorrindo e estranhamente algo se remexeu dentro de mim. Eu já disse o quanto ela era bonita?

—Então eu quero o pudim. E que minha mãe não me ouça.

Ela gargalhou jogando cabeça para trás. Linda. Talvez eu nunca me cansasse de dizer isso.

∞∞∞∞

A noite estava estrelada, e embora tivesse esfriado um pouco, a temperatura estava agradável. Eu estava deitado na rede da varanda da casa com Mel ao meu lado. Sua cabeça estava apoiada em meu ombro e eu acariciava seus cabelos com uma das mãos.

Meus pais se recolheram mais cedo, e eu tenho a certeza de que era uma forma de deixar Mel e eu a sós. Por mais que eu tenha dito que somos apenas amigos, eu sei que minha mãe sonha com o dia em que direi que estamos namorando.

—Faltam apenas dois dias para o Natal.

Ela sussurrou e instantaneamente eu a puxei para mais perto. Ela me confidenciou poucos dias após conhece-la que perdera os pais na noite de Natal. Não entrou em detalhes, mas eu sentia que algo trágico aconteceu. Sendo assim, ela nunca comemorava a data, ficando sozinha com seus filmes, trancada na casa que herdou com a morte deles.

—Quer falar sobre isso?

Eu fiz a pergunta, mas sem realmente esperar por mais detalhes. Eu apenas não sabia o que dizer. Porém, para minha surpresa, ela soltou um longo suspiro antes de sua voz soar baixa e sofrida.

—Eu nunca imaginei que minha mãe seria capaz de trair meu pai um dia.

—Como é?

—Eles pareciam se amar tanto. Era o casal perfeito aos meus olhos. E num belo dia tudo explodiu. Faltavam três dias para o Natal. Minha mãe trabalhava como secretária em uma grande empresa de cosméticos. Ela era secretária do presidente da empresa. Bom, eu não sei realmente o que meu pai foi fazer lá naquele dia. Acho que ficou preocupado pois todos os funcionários já tinham ido embora e nada da minha mãe. Ela tinha dito que sairia as quatorze horas e já passava das cinco.

Eu girei a cabeça e dei um beijo em sua testa quando ela se calou, provavelmente pensando se valeria reviver sua dor.

—Eu sei que ele chegou em casa transtornado, xingando minha mãe de todos os nomes possíveis. E quando ela finalmente chegou em casa seu olhar culpado dizia tudo. Os dois discutiram feio e eu apenas me encolhi num

canto, observando a cena sem ser vista. Quando... quando meu pai foi à empresa onde minha mãe trabalhava, ele a viu transando com o chefe.

—Céus...

—Ele saiu de casa naquela noite mesmo. Não tivemos notícias dele nos dois dias seguintes. Minha mãe parecia arrependida e envergonhada. Ela mal me olhava. Minha tia Verna ficou conosco quando soube do ocorrido. E na noite de Natal...

Ela fechou os olhos e eu a abracei com força quando vi lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Eu não queria vê-la daquele jeito.

—Chega. Não diga nada.

—Não. Eu quero... eu preciso colocar isso para fora.

Ela inspirou várias vezes antes de voltar a falar.

—Minha tia insistiu para fazer uma ceia na noite de Natal. Por mim. Ela não entendia que minha tristeza nem era pela falta de comemoração. Eu amava o Natal, mas porque estávamos juntos entende?

Afirmei remexendo a cabeça.

—Estávamos à mesa quando meu pai chegou. Ele chorava e parecia acabado, e seu olhar... meu Deus. Eu jamais vou me esquecer daquele olhar. Vazio, sem vida. Ele atirou, Daniel. Ele disparou contra minha mãe e depois contra si mesmo.

Eu girei o corpo, tomando cuidado para não virar a rede e a abracei o mais apertado que consegui e eu chorei com ela. Mel perdeu o bem mais precioso que uma pessoa pode ter: a família. E ela estava aqui de pé, ainda que a data lhe trouxesse péssimas recordações.

Não pude evitar comparar a situação dela com a minha. Ela perdeu a família e ainda assim, quando sorria, parecia que o brilho do seu sorriso iluminava tudo ao seu redor. Abraçado a ela, eu tive a certeza de que eu nunca conheceria alguém mais especial do que Mel.



Meus olhos percorreram o ambiente, parando por instantes sobre a árvore de Natal que minha mãe fazia questão de montar todos os anos. Trocávamos presentes, mas nunca houve a tradição de coloca-los sob a árvore, afinal eram apenas pequenos mimos para demonstrar nosso amor e carinho. Girei meu corpo e observei a mesa onde seria servida a ceia. E de repente, mesmo sabendo que era uma data dolorosa para Mel... eu desejei que ela estivesse aqui. Desejei que ela pudesse nos presentear com seu belo sorriso, com sua gargalhada contagiante, com seu falso flerte com meu pai. Eu a queria aqui.

—Mãe, eu vou sair, mas volto logo.

Falei um pouco mais alto, sabendo que ela ainda estava na cozinha. Rapidamente ela apareceu à porta, limpando a mão em um pano de prato.

—Mas... aonde vai, meu filho? Sabe que seu pai adora as horas que antecedem a ceia.

—Eu sei, mãe, mas é rápido. Prometo.

Eu sai antes que ela tentasse descobrir para onde eu ia, ou pior, que tentasse me impedir. Gentilmente Mel recusou o convite para a ceia, não entrando em detalhes, mas deixando claro que era uma data triste para ela. Por isso, sei que minha mãe ia tentar me impedir de falar com ela. Mas eu precisava tentar.

Ao sair de casa, percebi que a casa dos Ebner estava toda iluminada. Como eu não percebi isso nos dias anteriores? Eu balancei a cabeça e me afastei. Eu tinha algo mais importante a resolver agora.

Vinte minutos depois eu batia à porta da casa de Mel. Somente quando bati com um pouco mais de força pela quarta vez a porta foi aberta. Eu senti meu peito se apertar ao ver seus olhos inchados, a ponta do nariz avermelhada. Ela me olhava realmente surpresa.

—Daniel? O que faz aqui?

—Posso entrar? Prometo ser rápido.

Ela se afastou dando espaço para que eu entrasse. Reparei no pote de pipoca jogado ao chão, bem como algumas latinhas de cerveja. Mel se sentou no sofá e me encarou, as mãos espalmadas sobre suas coxas.

—Mel...

Eu me ajoelhei à sua frente, segurando suas mãos.

—Eu sei que essa data não lhe traz boas recordações. E eu nem posso imaginar a dor que você sente quando se lembra de tudo. Mas eu imagino que antes disso tudo acontecer você deve ter tido Natais maravilhosos.

—Sim.

Ela disse já com lágrimas escorrendo pelos seus olhos.

—Então... esses momentos ficarão em sua memória. Você vai sorrir sempre que se lembrar deles. Mas vai chorar quando se lembrar daquele Natal. Sua mente está cheia de lembranças boas e ruins. Então, o que eu quero pedir é que acrescente mais momentos bons à essa data. Eu não estou dizendo para você soltar fogos de artifício, para cantar e dançar. Estou pedindo apenas para que não se feche. Não prive as outras pessoas da sua companhia.

—O que você quer dizer com isso?

—Eu estou querendo dizer que eu gostaria muito de estar em suas lembranças natalinas. E queria muito que você nos brindasse com sua presença. Sabe... sempre fomos apenas eu e meus pais. Seria tão bom ter alguém conosco. Principalmente alguém que já é tão especial em minha vida.

Ela me olhou por um longo tempo, mordeu os lábios e por fim olhou dentro dos meus olhos.

—Será que dona Natalie ficará muito brava se atrasarmos um pouco? Eu

preciso me arrumar.

Um sorriso gigante se espalhou pelo meu rosto e eu me levantei, puxando-a junto comigo, abraçando seu corpo pela cintura. Ela jogou os braços em volta do meu pescoço, a cabeça apoiada em meu peito. Tentei não pensar no quanto suas curvas se encaixavam perfeitamente ao meu corpo. Eu só queria que ela nunca mais saísse do meu abraço.

Capítulo 3



Janeiro/2002

Vinte e três horas e quarenta e cinco minutos do último dia do ano. Um ano recheado de acontecimentos. Bons e ruins. Enquanto observava o espocar de alguns fogos de artifício eu analisava algumas coisas e cheguei à conclusão de que o saldo positivo foi imensamente superior ao negativo. Apenas o fato de ter Mel ao meu lado superava minhas maiores expectativas.

Eu a olhei meio de lado, reparando em seu perfil perfeito, delicado. Seus longos cabelos estavam soltos e esvoaçavam pelo seu rosto, consequência da brisa oriunda do mar. Estávamos na praia, parados sobre algumas pedras, ambos descalços e vestidos de branco como mandava a tradição. Eu vestia calça e camisa com alguns botões abertos na frente. Já a Mel estava de tirar o fôlego com o vestido tomara que caia que cobria apenas metade de suas coxas.

Desejei feliz ano novo aos meus pais mais cedo, já que nunca fomos de comemorar essa data juntos. Geralmente eu saía para ver os fogos, enquanto meus pais preferiam ficar na varanda ou mesmo na cama, apenas relembrando os velhos tempos. Esse ano eu tinha Mel... e não abri mão de passar a virada do ano ao lado dela.

A verdade é que eu estava cada vez mais encantado por ela. Eu não me lembro de ter sentido algo tão bom quanto o que senti na noite de natal. Era inegável que a presença de Mel criou uma atmosfera totalmente diferente da que estávamos acostumados. E eu me peguei desejando que ela sempre estivesse presente nessa data.

Meus pais me proibiram de sair tão tarde de casa, quase três da manhã, para acompanhar Mel até sua casa. Além disso, eles não ficariam tranquilos sabendo que ela estaria só, apesar de saberem que ela morava sozinha.

Ela se deitou em minha cama, usando apenas minha camisa. Conversamos sobre muitas coisas até pegarmos no sono. E eu percebi que, assim como a queria em todos os natais, eu a queria acordando todos os dias ao meu lado. Aquela descoberta me deixou em pânico. E nos dias seguintes eu procurei me manter afastado. Mas eu vi que não conseguiria. Mel já estava se tornando fundamental em minha vida.

—Você parece estar há anos luz de distância daqui.

—Estou apreciando os fogos.

—Tão mentiroso...

Eu ri e me virei, ficando de frente para ela. Segurei suas mãos, o que nos deixou na tradicional pose de um casamento na igreja. O olhar dela era sereno e um leve sorriso enfeitava seu rosto.

—Estava pensando em nós...em como nos conhecemos. Como o Natal da minha família foi infinitamente melhor com sua presença e em como eu quero que isso se repita todos os anos.

—Oh...

—Estava pensando no quanto você é bonita e em como eu quero beijar você.

—Eu realmente pensei que você jamais fosse pedir. Estava pensando se eu teria que fazer isso à força.

Eu ri enquanto a puxava pela cintura, colando seu corpo de curvas perfeitas ao meu. Meus braços longos envolveram completamente sua cintura enquanto eu me inclinava, buscando sua boca, mas com os olhos fixos nos dela. Ela suspirou quando meus lábios tocaram levemente os dela e seu hálito me fez gemer baixinho.

A maciez e o sabor de seus lábios me enlouqueceram e eu cobri completamente seus lábios com os meus ao mesmo tempo em que fechava meus olhos. Foi a vez de Mel gemer e subir suas unhas pela minha nuca até infiltrar seus dedos em meus cabelos. Um arrepio percorreu minha espinha, me fazendo estremecer e apertar ainda mais seu corpo de encontro ao meu.

Sua boca se movia macia na minha, se encaixava perfeitamente como se tivesse sido feita para mim. Não resisti ao beijo delicioso e timidamente pedi passagem com minha língua, o que foi prontamente atendido. Logo nossas línguas se enroscavam uma na outra, minhas mãos subiam e desciam pelas costas um pouco desnudas, arrancando mais gemidos de nós dois.

Quando nos separamos, ambos ofegantes, encostei minha testa na dela, um débil sorriso em meus lábios.

—Feliz Ano Novo.

Falamos juntos e então abri meus olhos novamente. Ela me encarava e por alguns segundos eu me permiti apenas mergulhar em seus olhos.

—Eu desejo que você tenha um ano incrível, Daniel. Você merece.

—E eu terei, Mel. Se você estiver comigo.

—Eu sempre estarei com você. Até quando você quiser que eu esteja.

Ela se afastou um pouco e ficou de frente para o mar, de onde era possível ver toda a beleza dos fogos. Mais uma vez eu fiquei admirando sua beleza e antes mesmo que eu pudesse escolher melhor as palavras, eu fiz a pergunta que há alguns dias vinha me instigando.

—Quer ser minha namorada?

Sua cabeça girou rapidamente e ela me encarou boquiaberta. Seu olhar era um tanto incrédulo. Ela me analisou, inclinando a cabeça como se quisesse descobrir algum sinal de brincadeira, ou sei lá, talvez pensasse que eu estava bêbado.

—Namorada? Você... tem certeza?

Suspirei e voltei a puxá-la para que ficássemos frente a frente. Acaricieei seu rosto, colocando uma mecha de seus cabelos atrás da orelha. Notei que, como acontecia sempre que estávamos tão próximos, meu coração batia em ritmo acelerado.

—Eu sei que pode parecer cedo demais, se levarmos em consideração que há poucos meses eu estava sofrendo por outra. Eu não estou dizendo que estou totalmente curado, Mel. Eu não seria capaz de mentir para você desse jeito. Eu acho que ainda sinto algo por ela. E eu estou confuso porque não sei se é possível gostar de duas pessoas ao mesmo, mas a verdade é que gosto muito de você. Quanto a isso não há incerteza alguma. Gosto o suficiente para querer tentar. Você me faz feliz. Eu realmente não esperava por isso.

—Eu sei que você não gosta de mim como gosta dela. Mas quem sabe um dia seu coração não bata mais forte por mim?

Eu ri e balancei a cabeça, agora segurando seu rosto entre minhas mãos.

—Não seja boba. Você não faz ideia de como meu coração acelera quando você está por perto. Eu sei que pode dar certo, Mel. Eu vou amar você... eu sei que vou.

—Eu não queria... juro que não queria. Tanto que nunca falei nada, mas eu me apaixonei por você. E eu aceito ser sua namorada.

A sensação que tive foi de que aqueles fogos de artifício pipocavam dentro de mim, tamanha felicidade. Eu a beijei novamente e naquele momento nada mais importava. Eu só queria estar com ela. Queria ser bom o bastante para que aquele sorriso e aquele brilho em seus olhos jamais desaparecesse.



Eu queria resistir. Juro que queria, mas percebi que isso era humanamente impossível. Mel era incrível. Linda, sexy, gostosa e eu estava simplesmente louco por ela. Enquanto estávamos na praia, nós nos beijamos várias vezes e cada novo beijo era mais ardente que o outro. Eu realmente não sei em que momento decidimos ir para casa, mas quando dei por mim estávamos novamente aos beijos, nossas mãos se embolando ao tentar tocar o corpo um do outro. Ela estava prensada entre a porta e meu corpo enquanto eu beijava seu pescoço e apertava seus seios sobre o vestido.

—Mel... não acha um pouco cedo?

Falei pausadamente tentando recuperar meu fôlego, mas quis me chutar assim que proferi as malditas palavras. Eu gritei internamente para que ela discordasse de mim, e felizmente fui atendido. Ela abriu os olhos, a mão agarrada aos cabelos da minha nuca, num gesto quase desesperado de desejo.

—Não existe tempo quando se quer algo, Daniel. Se eu quero tomar um sorvete, eu vou lá e tomo. Se eu quero tomar um porre... eu tomo. A vida é curta demais para ficar perdendo tempo. E se eu morro amanhã? Aprenda isso. Se você quer, vá lá e faça. Então é isso. Eu quero transar com você. E se você me quer eu vou fazer isso.

Eu não precisei de mais palavras para pegá-la em meu colo, suas pernas automaticamente envolvendo minha cintura enquanto eu caminhava com ela até o quarto. Ela estava me deixando louco, mas eu não era canalha a ponto de possuí-la de pé contra a porta. Tudo bem que a ideia era excitante, mas era nossa primeira vez juntos, ela merecia algo mais que isso. Teríamos muitas oportunidades de fazer de várias formas.

Rapidamente cheguei ao quarto e a coloquei sobre a cama, sem desgrudar meus lábios dos dela. Seu beijo era delicioso e provocava sensações que até então eu desconhecia. Eu me afastei um pouco e admirei a bela mulher sobre a cama. Seus cabelos estavam espalhados fazendo um belo contraste com o vermelho da roupa de cama. Seu vestido desceu um pouco e

eu via o começo dos seus seios que subiam e desciam acompanhando o ritmo acelerado de sua respiração. Eu tive a certeza de que nunca conheci uma mulher mais linda que Mel.

Sua beleza era de tirar o fôlego, principalmente porque era algo genuíno. Algo que resplandecia de dentro para fora. Seus olhos tão calorosos, seu sorriso sincero...tudo nela era autêntico, verdadeiro e bastava para me deixar atordado.

—O que está esperando Edgcomb?

Ela reclamou me puxando pela camisa e eu ri, me aproximando novamente e tomando seus lábios enquanto minhas mãos desciam seu vestido. Eu gemi extasiado com a maciez da fartura que preencheu minhas mãos, meu corpo estremeceu ao tocar os mamilos túrgidos, ansiosos pelo meu toque. E mais uma vez eu me afastei. Eu precisava vê-la apenas para constatar o óbvio. Ela era perfeita.

Eu ofeguei ao ver seus seios empinados, firmes que clamavam por mim. Porém, antes de me deleitar neles, eu terminei de despi-la, deixando-a apenas com a pequena calcinha de renda branca. Então eu pude admirá-la mais uma vez. A barriga era lisa e aparentemente firme, suas coxas não muito grossas, mas na medida para eu afundar minhas mãos e apalpar sua carne.

Subi meu olhar para o seu rosto e novamente ofeguei ao vê-la mordendo os lábios de uma forma sexy enquanto descia as mãos pelo corpo, parando no elástico da calcinha. Lentamente e sem deixar de me olhar, ela retirou a última peça que restava, me fazendo engolir seco. Feito hipnotizado, eu levei a mão ao centro de seu prazer, fazendo Mel fechar e olhos e gemer alto. Eu não podia mais esperar para me deliciar em seu corpo. Porém, antes que eu alcançasse meu intuito, ela me empurrou e girou na cama, ficando sobre mim.

Espalmou as mãos sobre meu peito e começou a retirar minhas roupas, enquanto beijava cada centímetro de pele que era desvendada. Seu toque era gostoso, sua boca quente e úmida fazia minha cabeça girar. Porém, o que estava me deixando alucinado era o jeito que ela me olhava vez ou outra. Em seus olhos eu via o desejo, a paixão. Algo que nunca vi nos olhos de mulher

nenhuma. Claro, eu era praticamente zero em experiência, já que em minha primeira vez sequer tiramos as roupas. Laila apenas afastou sua calcinha enquanto eu baixei minha calça e fim.

Para dizer a verdade, eu me sentia um virgem agora. E eu queria descobrir tudo com Mel. Eu gemi quando ela tirou minha calça e logo envolvia meu membro não só com suas mãos, mas também com sua boca. Inconscientemente eu impeli meus quadris, enfiando a mão em seus cabelos enquanto era engolido pela boca atrevida que me fazia ver estrelas.

—Pare.

Eu falei com esforço, puxando-a e girando meu corpo sobre o dela.

—Estou há tempo demais sem qualquer contato com uma mulher. Aliás, eu só estive uma vez com uma garota e eu não sei se consigo me segurar se continuar fazendo isso.

—Eu não me importo. Eu quero seu prazer.

—O nosso, Mel. Seremos nós dois.

Foi a minha vez de provar de seus seios, o que se revelou um tremendo erro porque somente sentir seu gosto quase fez com que eu gozasse sem ao menos estar dentro dela. Mas eu me contive e continuei explorando seu corpo, fazendo Mel se contorcer e gemer cada vez mais alto. Quando alcancei seu sexo, deslizei meu dedo sentindo sua umidade e pensei que fosse morrer de tesão com seu cheiro de excitação. Segurei a cabeça do meu membro com força para conter meu gozo, pois bastou eu deslizar a língua em seu canal úmido para a vontade de gozar ressurgir com força total.

Eu me afastei num rompante, sentindo minha boca úmida com os fluidos dela, mas mesmo assim ela me puxou para um beijo.

—Não posso mais.

—Nem eu, Daniel. Me faça sua.

E eu fiz. Empurrando meu membro com firmeza, mas ao mesmo tempo

com cuidado. Eu não sabia se ela também estava há muito tempo sem alguém como eu. Eu praticamente rosnei ao ser recebido dentro dela, me sentindo apertado e perfeitamente acolhido. Ela gemeu comigo e suas unhas arranharam minhas costas quando dei a primeira investida. Ela ergueu os quadris me pedindo para ir mais fundo. E mais uma vez atendi ao seu pedido, me perdendo em seu corpo, enlouquecendo com seus beijos, com seu rebolado. Eu estava completamente entregue a ela.



De olhos fechados, eu sentia o cafuné em meus cabelos. Eu estava deitado com a cabeça entre os seios de Mel, minha coxa jogada displicentemente sobre as dela enquanto eu brincava com seu mamilo excitado. Eu me sentia tão pleno... tão fodidamente bem que não me via em outro lugar que não ao lado dela. Nós fizemos sexo duas vezes e em ambas eu sentia meu coração dar um salto toda vez que nossos olhos se cruzavam. Eu a vi se desmanchar de prazer em meus braços., eu a fiz gritar meu nome, assim como eu gritei o dela. E eu queria mais... mais sexo, mais prazer, mais beijos, mais risos, mais felicidade, mais momentos ao lado dela nem que fosse apenas assim... curtindo o silêncio.

Incrível como as coisas entre nós dois simplesmente foram acontecendo, sem qualquer planejamento. Aliás, se eu fosse pensar bem, desde a primeira vez em que nos encontramos tudo aconteceu naturalmente. Sem filtro, eu me abri com ela, ignorando o fato de não a conhecer. Era tudo simples e natural com ela. Devo acrescentar que eu amava isso.

—Sabe... —Eu comecei a falar, dominado por aquele pensamento de que com ela tudo parecia ser correto. —Eu estou me sentindo tão perdido.

—Em que sentido?

—Faculdade. Eu nunca quis cursar direito.

—Sim, você me disse isso.

—Pois é...

Mel sabia que eu escolhi o curso por uma questão de status, de aceitação por parte de outras pessoas. Mas agora isso não fazia o menor sentido.

— Você não pode ter medo de mudar de ideia, Daniel. Principalmente porque você sempre soube que não era isso que queria. Então, ainda está em tempo de desistir e escolher algo que realmente goste de fazer. Acredito que não deve existir coisa pior que ser frustrado profissionalmente.

—Concordo com você. Eu fecho os olhos e tento me enxergar num tribunal usando terno e gravata... não consigo.

Ela riu baixinho e ergui a cabeça para olhar em seus olhos. Eu amava olhar dentro deles, embora na maioria das vezes eu perdesse o foco quando fazia isso.

—Hum... vamos ver. Não pense que nunca percebi como você gosta de ficar me fotografando quando acha que estou distraída.

Eu ri. Realmente eu fazia isso, usando o celular, um dos poucos luxos que me dei ao trabalho de comprar.

—É algo que você realmente curte, então pode ser uma ideia.

—Será? Eu tenho que pensar no lado financeiro também.

—Nem tudo se resume a dinheiro. Bom, mas tem outra coisa que sei que gosta muito.

Eu franzi minha testa, reparando em seu sorriso matreiro.

—Eu já reparei no joguinho que você deixa bem ao lado do seu computador.

Eu senti meu rosto esquentar e provavelmente enrubescer por ter sido pego no que eu considerava um tanto infantil.

—Ao lado daquela carroça, você quer dizer.

—Não fuja do assunto, Edgcomb. E não precisa ter vergonha de assumir. Eu sei que gosta do jogo não exatamente para jogar com os personagens, mas para construir as casas.

Eu bufei frustrado vendo que minhas atividades foram descobertas.

—Ok. Você venceu. Eu gosto mesmo daquele jogo, mas pelo menos você sabe que é pela construção das casas.

—Ainda que não fosse. Que mal há em se divertir com joguinhos? Isso não o torna um adolescente. Mas enfim, você então concorda comigo que a área de engenharia civil seria uma boa?

—Será? Eu confesso que já tinha pensado nisso.

—Eu tenho certeza. Você é foda em matemática que eu sei, e por Deus... acho que é a primeira pessoa que conheço que ama física.

Eu ri me lembrando de como ela fazia careta sempre quando eu falava a respeito. E ela estava certa. Eu realmente era louco por física e agora, pensando nisso, eu me perguntava como pude pensar que me tornar um advogado me faria feliz daqui a alguns anos.

—E amo mesmo. Então, acha que eu devo me arriscar?

Perguntei encarando seus olhos brilhantes. Ela estava feliz por mim. Estava nítido.

—Viver já é um risco, meu amor.

Sem mais palavras eu a puxei para um beijo. Eu tinha seu apoio e isso era mais que suficiente para eu me encher de coragem e mudar o rumo da minha vida.

Capítulo 4



Setembro/ 2002

Outono. Minha estação preferida do ano. E digo que não é só por ver a beleza da paisagem que precede o inverno, mas também por ser a época em que eu a conheci. Há um ano eu recebi o melhor presente que a vida poderia me oferecer. Mel. A mulher pela qual eu estava loucamente apaixonado. Ou melhor, apaixonado nem chegava perto do que eu sentia por ela.

Eu a amava. Sempre que eu pensava em meu futuro, a primeira imagem que vinha em minha mente era de nós dois juntos. Eu não conseguia me enxergar sem ela. Talvez sim, mas seria um pesadelo, já que eu sabia que eu não ia sorrir mais com tanta facilidade. E nem meu coração bateria tão acelerado como acontecia quando estava com ela.

Mel era minha força. Minha namorada, amiga e amante. Eu amava a

forma como ela levava a vida. Livre, leve, sempre otimista. Amava a maneira como ela acolheu meus pais como se fossem seus, me ajudando a cuidar deles e também levando mais sorrisos à casa deles. Posso dizer que amava até mesmo a forma como ela chutava minha bunda sempre que eu ameaçava desanimar nessa minha longa caminhada.

Mas a verdade é que se não fosse ela, eu não teria tido coragem suficiente para abandonar o curso de direito e ingressar em engenharia civil, praticamente perdendo os anos que estudei. Eu ainda me lembro das palavras dela quando expus meu descontentamento com o fato.

"—E daí que você vai ficar supostamente atrasado? Eu digo supostamente porque não existe idade para se formar numa faculdade, Daniel. Não importa o tempo. O que importa é que ao chegar ao final você não ficará com a terrível sensação de frustração. Esqueça isso. Apenas aprecie seu tempo na faculdade."

Então eu embarquei com a cara e a coragem. Hoje já estava cursando engenharia ao passo que Mel ia se formar no próximo final de semana.

E em comemoração a esse momento fantástico da vida de minha namorada, eu tinha algumas coisas importantes a dizer a ela. A primeira delas era que eu estava abandonando meu emprego no bar para começar algo que vinha me atraindo cada vez mais. E a segunda coisa... eu diria sim ao seu pedido para me mudar de vez para sua casa.

Eu demorei a me decidir pois não queria deixar meus pais sozinhos, mas minha mãe me garantiu que aquilo era uma tremenda besteira, afinal eu passava mais tempo na casa de Mel do que na casa deles. Não conseguíamos ficar separados. E havia mais uma coisa. O anel de compromisso que estava agora na gaveta em meu quarto. Bonito e delicado como ela. Perfeito para ornamentar seu dedo e mostrar o quanto eu a queria em minha vida.

—Você me abandonou...

Eu ouvi a voz sonolenta atrás de mim e apenas sorri, esticando o braço num convite mudo para que ela se juntasse a mim na rede. A tarde de sábado estava preguiçosa e acabamos cochilando um pouco após o almoço. Melhor

dizendo, eu cochilei. Mel apagou completamente.

Ela se juntou a mim, se encolhendo em meus braços. Eu beijei sua cabeça e com um dos pés no chão peguei impulso para balançar a rede.

—Assim vou dormir de novo.

—Preguiçosa.

—Cansada, você quer dizer. Ainda bem que estou de folga hoje.

—Por falar em folga, eu tenho algo para contar.

Ela girou um pouco a cabeça para me encarar. Seu rosto estava levemente marcado pelas horas de sono e seus olhos ainda sonolentos. E ela estava simplesmente adorável.

—Então não faça rodeios.

Sua atenção estava totalmente voltada para mim. E esse também era um dos motivos que me faziam amá-la cada vez mais. Mel sempre prestava atenção a tudo que se relacionava a mim. Ela me enxergava realmente. E quando ela me olhava nos olhos... meu Deus! Era como se eu fosse o único homem do mundo. Único e perfeito, coisa que estava muito longe de ser.

—Pedi demissão e na segunda-feira começo em outro emprego.

—Sério? Estava procurando outra coisa? Não falou nada.

—E não estava. Mas eu vi a vaga e tem tudo a ver com minha profissão.

Um pequeno e tímido sorriso despontou em seu rosto. Ela podia não ter certeza, mas já imaginava o que era.

—A vaga naquela construtora?

—Sim. Agora eu serei um pedreiro ou ajudante de pedreiro.

Eu conhecia Mel muito bem para saber que ela não era soberba, muito menos preconceituosa. Mas confesso que fiquei esperando sua reação, com medo que ela me olhasse com incredulidade, como se meu novo emprego fosse algo vergonhoso. Mas claro, essa não seria minha Mel se ela fizesse isso. Seu sorriso foi aumentando até que ela me abraçou forte com os braços em volta do meu pescoço.

—Oh meu Deus, Daniel... isso é maravilhoso. Tem tudo a ver com o que você quer. Caramba, você vai adquirir tanta experiência. E quando se formar, com certeza será o melhor. Será disputado pelas maiores empresas.

Eu rolei meus olhos. Sempre com pensamentos tão positivos.

—Não sei se chegará a tanto, mas eu vou fazer o que realmente sinto vontade.

—Estou tão feliz por você. Feliz principalmente por você estar se mostrando cada vez mais corajoso, sem medo de enfrentar um trabalho duro, mas que o satisfaça.

—Você é minha coragem.

Ela acariciou meu rosto, olhando dentro dos meus olhos daquele jeito, como se quisesse me puxar para dentro dela.

—Eu admiro tanto você. Você será grande, Daniel. Em todos os sentidos.

Eu pisquei, emocionado com suas palavras, mas isso não foi suficiente para impedir algumas lágrimas que escorreram pelo meu rosto. Eu queria guardar aquilo para mim um pouco mais. Não queria que ela pensasse que eram palavras ao vento. Queria que ela realmente pudesse enxergar em meus olhos, em meus atos tudo aquilo que estava entalado em minha garganta. Mas eu não consegui. Olhando para ela, meu peito simplesmente pareceu expandir e as palavras escapuliram.

—Eu te amo tanto, Mel.

Ela ofegou, os olhos arregalados imediatamente ficando marejados.

—O... o que?

—Eu amo você. Eu nem sei quando aconteceu e também não importa. Mas você foi se infiltrando dentro de mim sem que eu percebesse. E hoje eu não consigo mais imaginar minha vida sem você.

Enquanto eu tinha os lábios atacados pelos de Mel, eu pensava em como as palavras fluíram fácil. Nada daquilo foi premeditado ou ensaiado. Eu apenas disse o que sentia em meu coração, mas até então eu não fazia ideia de que era tão profundo. Mel se apertava a mim, e eu a estreitava mais forte em meus braços. Quando eu quis puxá-la para cima de mim, Mel me empurrou levemente, segurando meu rosto em suas mãos. Agora ela não segurava mais suas lágrimas.

— Amo tanto você, Daniel. Eu não imaginei que você sentisse o mesmo, aliás eu nem consigo acreditar.

— Eu sei que talvez não saiba demonstrar o que sinto, mas é a mais pura verdade. Eu nunca senti o que sinto por você. Quando estamos juntos eu vejo que não preciso de mais nada. Minha profissão, minha graduação, nada disso importa porque você me faz feliz de uma forma incrível. E quando não estamos juntos eu me sinto incompleto, vazio. Mesmo que sua ausência seja por poucas horas.

— Você demonstra todos os dias quando me abraça e me beija, quando olha dentro dos meus olhos e eu percebia seus sentimentos, mas tinha medo de estar fantasiando.

— Como eu não poderia amar você, Melanie? É a mulher mais incrível que já conheci. E quero você comigo sempre. Quero construir nossa vida, crescer de todas as formas possíveis. Quero ser um homem do qual você possa se orgulhar e principalmente, uma pessoa da qual eu me orgulhe sempre que olhar no espelho.

Ela me abraçou com força, escondendo o rosto em meu peito. Em retribuição, eu a apertei mais em meus braços.

—E tem mais uma coisa.

—O que?

—Estou aceitando seu convite. Eu vou me mudar para cá.

Ela gritou e me encheu de beijos.

— Precisamos comemorar.

— Comemorar o que? — Perguntei, me fazendo de bobo e ela ergueu a cabeça para me olhar. — O fato de eu ser um tolo e demorar a perceber que você é a mulher da minha vida?

— Bobo. Claro que não. Comemorar seu novo emprego.

Eu fiquei em silêncio por um tempo. Eu não podia me dar ao luxo de comemorar nada agora. Claro que tinha minhas economias, além do que recebi ao sair do emprego, mas eu estava contando com uma parte desse dinheiro para uma comemoração, mas por causa da formatura dela.

— Vamos esperar um pouco? Quero ver como vou me sair primeiro. Se tudo der certo, eu prometo que a gente faz algo legal em comemoração.

— Tudo bem. Mas você sabe que vai se sair bem. Você é capaz e além do mais, você se dedica a fazer bem qualquer coisa.

Eu me emocionei com aquelas palavras. Mel tinha uma fé em mim que nem mesmo eu tinha e saber que ela confiava tanto em mim era um estímulo ainda maior para que nunca a decepcionasse. Eu nunca me perdoaria se fizesse isso.



Bem antes de me declarar para Mel, eu procurei os motivos para confirmar se eu realmente a amava. Não havia motivos. Acredito que para esse sentimento não é necessária uma razão. Eu a admirava, gostava de sua

companhia, me sentia feliz ao lado dela. Era minha amiga, minha confidente, minha amante. Às vezes eu imaginava minha vida daqui a uns dez anos... e ela estava ao meu lado. Ela e os filhos que planejava ter com ela. Sempre ela. E quando minha mente traiçoeira resolvia pensar em como eu ficaria se a perdesse um dia, a dor que eu sentia no peito era algo assustador.

Agora, olhando para ela e ouvindo seus agradecimentos enquanto segurava seu diploma eu sentia vontade de gritar no meio da plateia o quanto ela era incrível. Forte, determinada, batalhadora, mas ao mesmo tempo tão delicada e sensível. Mas claro, eu não a interrompi, apenas prestando atenção em cada palavra dita por ela. Toda minha atenção estava voltada para ela. Era como se as pessoas ao meu redor não existissem.

" —Meus agradecimentos aos meus pais por todos os ensinamentos, por se preocuparem com meu futuro, por me amarem. Apesar de não estarem mais aqui, eu sei que onde quer que estejam, nesse momento estão felizes comigo."

Ela secou algumas lágrimas e eu fiz o mesmo.

" —Meus agradecimentos também a todos os meus amigos e colegas, e um especial a Natalie e George, meus pais de coração, por terem me acolhido como se eu fosse uma filha. Vocês são maravilhosos e eu os amo muito."

Eu girei a cabeça para ver a emoção dos meus pais ao meu lado e me inclinei para deixar um beijo na cabeça da minha mãe.

" —E finalmente você, Daniel. Você que foi entrando em minha vida assim tão despretensiosamente. Meu amigo, namorado, companheiro e outras coisas. —Eu ri do rubor em seu rosto. — Você com seu jeitinho meio perdido, triste. Acho que acabamos nos encontrando um no outro e hoje... hoje eu o amo muito. Obrigada por reservar um pedacinho dentro de você para que eu pudesse entrar."

Eu balancei a cabeça, indignado com suas últimas palavras. Mas eu estava disposto a mostrar a ela, todos os dias, que ela não ocupava apenas um pedacinho dentro de mim. Enquanto ela cumprimentava as pessoas à mesa eu fiz o mesmo trajeto que tantas outras pessoas fizeram anteriormente.

Segurando as flores que eram suas preferidas, eu caminhei até a entrada do palco para me encontrar com ela.

Eu não imaginava que meu coração pudesse um dia bater tão forte como agora. Melanie era linda demais e assim, sorrindo, ela me deixava completamente sem rumo. Seu sorriso ficou ainda mais largo quando recebeu as flores e em seguida eu me inclinei deixando um beijo suave em seus lábios.

— Você está tão enganada, Mel. Você não ocupa só um pedacinho dentro de mim. É uma parte muito grande... a mais importante. A que me faz viver.

Eu segurei em sua mão, para que não atrapalhássemos a passagem dos colegas, mas eu ainda tinha coisas a dizer.

— Por isso que, pode não ser hoje, nem amanhã, nem daqui a um ano. Assim como pode ser também. Não importa se serão dias, horas ou meses. Eu espero o tempo que for, mas... — Coloquei a mão em meu bolso e retirei a caixinha, abrindo-a diante de seus olhos. — Um dia, você será minha esposa.

Segurei sua mão livre e deslizei o anel em seu dedo, em seguida levando aos meus lábios e olhando dentro de seus olhos.

— E quando isso acontecer, será o dia mais feliz da minha vida.

Capítulo 5



Maio/2003

Tudo o que eu mais queria no momento era voltar para minha casa. Obviamente não estava me desfazendo da casa dos meus pais, onde vivi até pouco tempo atrás. Eu gostava de estar ali com eles, sentado nos degraus da varanda enquanto conversava com meu pai ou minha mãe.

Mas a verdade é que eu sentia falta de Mel e só conseguia pensar em vê-la pelo menos por cinco minutos. Porém, isso não seria possível já que minha mãe, Sasha e Mary, ambas amigas de Mel me expulsaram de casa dizendo que os noivos não poderiam se ver nas vinte e quatro horas que antecederiam a cerimônia de casamento.

Eu fechei meus olhos e suspirei sem conter meu sorriso. Casamento... nosso casamento. Oito meses após a formatura de Mel, onde eu praticamente

a pedi em casamento, esse momento finalmente tinha chegado. Ela escolheu a data por ser primavera e a cidade estava muito mais bonita, preciso admitir. Mas eu nunca imaginei que seria forçado a ficar longe dela. Eu não conseguia, simplesmente não conseguia ficar sossegado e confesso que isso ainda me assustava um pouco.

Nunca imaginei que um dia eu fosse sentir o amor assim tão intenso, quase desesperador. Mas era exatamente isso que estava acontecendo comigo. E como poderia ser diferente? Eu já nem tinha mais palavras para elogiar Mel, mostrando a pessoa maravilhosa que ela era. Eu tenho certeza de que não existe mulher no mundo como ela.

Voltando no tempo, meses atrás, foi impossível não sorrir novamente ao me lembrar do meu primeiro dia trabalhando como ajudante de pedreiro. Lembro de ter ficado furioso por ela ter aparecido na obra, linda demais na calça jeans justa e camiseta rosa levando um garrafão de suco e sanduiches para o lanche da tarde. Não foram apenas olhares de admiração por sua beleza, mas também por sua gentileza.

Mas evidentemente eu ignorei meu ciúme. Estava surpreso e agradecido demais com aquele gesto. Falando sem medo de parecer exagerado, Mel estava sempre me surpreendendo. Tantas vezes, ao chegar em casa exausto, ela fazia questão de cuidar das minhas mãos para que não ficassem muito ásperas, fazia massagem em minhas costas... me enchia de mimos. E eu tentava retribuir à altura.

Ela continuou fazendo seus salgados, doces e bolos, afinal tinha uma boa clientela. Mesmo chegando cansado do trabalho, eu fazia questão de ajuda-la. Não sabia cozinhar como ela, portanto eu me restringia a lavar tudo o que ela utilizava e deixava a cozinha sempre muito arrumada para que assim ela tivesse tempo para descansar um pouco.

Assim fomos levando os últimos meses após a formatura dela. Meu salário não era lá grande coisa, mas eu conseguia ajuda-la, apesar de ela insistir em dizer que não precisava. Seus pais não eram realmente ricos, mas viviam confortavelmente e não deixaram Mel desamparada.

Quatro meses depois de começar a trabalhar como ajudante de

pedreiro, eu já tinha conseguido subir um pouco minha posição. Gostava do que fazia... eu me descobri realmente. Ficava eufórico vendo as paredes sendo erguidas, acompanhando cada etapa. Era isso o que eu queria para minha vida. Por isso mesmo eu me esforçava muito para sempre fazer o melhor, e felizmente meu esforço foi reconhecido. À noite eu ia para a faculdade e na maioria das vezes quando chegava, Mel ainda estava na cozinha.

Somente nos finais de semana conseguíamos realmente descansar. E então eram momentos apenas nossos. Vez ou outra íamos para a casa dos meus pais, ou então saíamos somente nós dois, e eventualmente com alguns de nossos amigos da faculdade. Mas preferíamos mesmo ficar a sós. E era uma loucura. Não tenho vergonha alguma em admitir que eu aprendi a fazer amor com Mel. Antes dela o que eu tive? Uma transa sem graça que nem bem tinha começado e já acabava. Com ela era totalmente diferente. Fomos nos conhecendo e aprendendo juntos a dar prazer um ao outro. E que prazer. Eu chegava a me arrepiar quando pensava nisso.

—Nervoso?

Girei a cabeça para encarar meu pai que se sentou ao meu lado. Sorri e balancei a cabeça negativamente, mas minhas palavras entraram em contradição com meu gesto.

—Nervoso, ansioso e com saudade da minha noiva.

—Ora! Você a viu ontem.

—Estou acostumado a acordar ao lado dela todos os dias, pai. Quando eu abro os olhos a primeira coisa que vejo é o rosto dela.

—Você está feliz, filho? Ou melhor, vocês estão felizes?

—Pensei que estivesse óbvio. Estou como nunca imaginei que poderia estar um dia.

—Eu sei. E está bem óbvio sim, eu só queria ouvir suas palavras.

—Estamos só no começo da nossa caminhada. Mas eu sonho tantas coisas para nós dois. Melanie tem um terreno que foi deixado pelos pais e ela decidiu que lá iremos construir a nossa casa.

—Sério? Mas a casa onde moram é dela, não é?

—Sim. Mas ela tem certos sonhos e eu pretendo realiza-los.

Meu pai ficou um tempo em silêncio e eu apenas esperei, ainda olhando para ele. Não sei se alguma vez eu disse a ele que me orgulhava de ser seu filho. Eu me orgulho do homem que ele era e se eu me tornasse alguém como ele, então eu teria a certeza de ser um bom homem. Um homem merecedor do amor da minha mulher.

—Fico feliz por você ter encontrado a Melanie. Eu amo aquela garota e vejo o bem que ela faz a você. Ao lado dela você se descobriu e admito que essa foi uma das maiores alegrias que você já me proporcionou. Você realmente não combinava com terno, gravata, fórum... essas coisas.

Eu ri fechando meus olhos e erguendo o rosto na direção do sol. Eu sempre soube que não combinava com a profissão que escolhi anteriormente. Eu gostava de criar, construir, planejar. Eu seria eternamente frustrado se tivesse prosseguido com aquela loucura.

—Eu nunca vou me esquecer do apoio que a Mel me deu. Ela me incentivou muito no momento em que eu estava cheio de dúvidas e medo. Eu gosto disso nela. Ao mesmo tempo em que ela me empurra para que eu voe mais alto, ela me puxa de volta para que eu não extrapole.

—Torço pela felicidade de vocês, filho. Cuide bem do seu amor. Cuide do seu casamento. Seja o homem que ensinamos você a ser. Você tem uma mulher incrível ao seu lado e juntos vocês vão conquistar tudo o que desejarem. Nunca se esqueça da lealdade, fidelidade, companheirismo, respeito. Às vezes isso, bem mais do que o amor, é o que sustenta um relacionamento. Não há amor que resista a ausência dessas coisas que falei.

—Eu a farei feliz, pai. Porque, excluindo você e minha mãe, ela é a pessoa mais importante da minha vida. Eu não consigo me ver sem ela. Posso

parecer dramático, mas, nada em minha vida teria sentido sem ela.

Ele sorriu e se levantou, colocando a mão em meu ombro e apertando levemente.

—Sei disso. Eu sempre soube que a outra nunca traria essa felicidade à sua vida.

—Outra?

Eu perguntei, momentaneamente sem entender a quem ele se referia. Somente quando ele olhou na direção da casa dos Ebner, eu finalmente entendi. E naquele momento eu também percebi uma coisa. Há tempos eu sequer me lembrava da existência de Anika. Não havia motivos para me lembrar. Mel ocupava minha mente e meu coração.

∞∞∞∞

Eu nunca fui de chorar muito. Foram poucas as vezes em que me permiti fazer isso e, algumas situações nem eram merecedoras do meu pranto.

Não fui criado com a ideia machista de que homem não chora. É claro que chora. Eu chorei quando Mel me contou sobre a triste história da sua vida. Chorei quando ela disse que me amava, e quando ela se formou, quando aceitou finalmente se casar comigo... e chorei agora, no momento em que ela segurou minha mão no altar.

Era isso. Em um ensolarado sábado de primavera, eu finalmente me unia oficialmente a Mel. Alguns amigos nossos riam de mim, que emocionado demais, mal conseguia repetir as palavras ditas pelo padre.

Eu olhava para Mel e meu coração disparava vendo seu sorriso exuberante, seus olhos brilhando como duas estrelas.

—Prometo fazer de você o homem mais feliz do mundo.

Mel falou quando segurei seu rosto entre minhas mãos prestes a beija-

la.

—Então sua promessa já está cumprida. Eu já sou o homem mais feliz do mundo

Eu selei aquele momento beijando-a apaixonadamente.

Agora, oficialmente, daríamos continuidade ao que seriam os melhores dias da minha vida.

∞∞∞∞

O suor do meu corpo fazia com que o lençol grudasse em minha pele de uma maneira que geralmente me irritava. Mas nada no mundo me faria sair dessa cama agora. O corpo também suado e ofegante de Mel estava junto ao meu e só isso já era o suficiente para que eu nunca mais desejasse sair daqui. Fechei meus olhos, tentando controlar minha respiração ofegante, embora eu soubesse que levaria um tempo para que isso acontecesse, tendo em vista o que acabamos de fazer.

Eu sorri parecendo uma criança boba, mas esse era o efeito que minha esposa tinha sobre mim. Minha esposa. Eu ainda não conseguia acreditar que demos esse passo em nosso relacionamento. Apesar de eu ter dito que esperaria o tempo que fosse para me casar com ela, eu não consegui. A ideia de simplesmente me mudar para casa de Mel não me agradava. Eu queria o certo, o oficial. Sempre fui assim. Eu a queria como minha esposa, queria minha aliança em seu dedo, assim como queria a dela no meu.

Não fizemos uma grande festa por escolha de nós dois. Mas recebemos nossos amigos mais íntimos para uma pequena comemoração. Nos últimos meses Paul e Sasha, Mary Anne e Leonel se tornaram nossos amigos mais próximos. Todos nós nos conhecíamos da faculdade. Mary e Leonel já namoravam, mas Paul e Sasha engataram um romance somente depois que passamos a sair um pouco mais entre amigos.

— Tem certeza de que não ficou chateada por não termos tido uma lua-de-mel?

—Hei! — Mel falou em tom indignado e girou na cama, se sentando sobre mim. Imediatamente coloquei minhas mãos em suas coxas, meus olhos avidamente devorando seus seios desnudos. — E quem disse que não tivemos uma lua-de-mel? O que estamos fazendo há algumas horas?

Eu ri e subi minha mão que se fechou sobre seu seio.

— Foi uma má escolha de palavras. Vou reformular. Não ficou chateada por não termos viajado em lua-de-mel?

— Nós chegamos a um acordo, não foi? E além do mais... — Ela se remexeu sobre mim me fazendo revirar os olhos. Inclinou-se sobre meu corpo roçando a boca em minha orelha. — Você não imagina para quantos lugares eu viajo quando estou com você, Daniel. Quando você está dentro de mim.

Eu ofeguei e meu coração passou a bater tão acelerado que chegava a doer meu peito. Apoiando em uma das mãos, eu me sentei, empurrando nossos corpos, deixando Mel novamente sentada sobre mim e seu peito colado ao meu. Sua pele na minha, me arrepiando por inteiro. Seus olhos nos meus me fazendo perder o rumo como sempre acontecia. Subi uma das mãos por suas costas, enfiando os dedos entre os fios emaranhados de seus cabelos, deixando seu rosto quase colado ao meu.

— Você também não faz ideia dos lugares que já visitei quando ficamos assim ou quando olho em seus olhos. Eu imagino nossa vida inteira, Mel. É como se eu assistisse a um filme.

— Você consegue nos ver daqui a vinte anos?

Perguntou mordendo os lábios e ondulando seus quadris sobre os meus, me fazendo latejar sob ela.

—Não... eu consigo nos ver daqui a cinquenta anos, na mesma casa que planejamos construir, provavelmente cuidando de nossos netos... quem sabe bisnetos. E é bonito o que vejo, Mel. Eu quero isso desesperadamente. Será que você vai conseguir me aturar durante cinquenta anos?

— Acho que posso fazer um esforço. Resta saber se você vai sobreviver a cinquenta anos de TPM.

Eu ri, o riso sacudindo meu corpo pois eu sabia muito bem dos efeitos da maldita TPM sobre minha mulher.

— Se no final de cada dia desses cinquenta anos, você me olhar como me olha agora, eu acho que consigo sobreviver. Eu só não conseguiria longe de você, Mel. isso nunca. Eu amo tudo em você. Suas qualidades, seus defeitos, seus gritos histéricos assistindo futebol e até mesmo sua estúpida TPM. Isso tudo é que a torna única. A mulher que meu coração escolheu, a que me faz viajar sem nunca ter saído do lugar.

Eu não pude dizer mais nada, pois minha boca foi atacada pela dela, que apertou os braços com força em volta do meu pescoço. Eu já a conhecia bem o bastante para saber que seu sentimento era bem semelhante ao meu. Mas nesse momento, palavras não seriam necessárias.

Capítulo 6



Fevereiro/2006

A manhã estava fria. Muito mais do que eu desejava. Apesar de o corpo quente e profundamente adormecido fosse um convite para que eu permanecesse ali, eu sabia que não podia. Ainda não eram seis da manhã de sábado, ainda assim eu empurrei o cobertor com cuidado, mas sabendo que isso não acordaria Mel. Fomos dormir às duas horas da manhã, somente depois de deixar a cozinha impecável.

Três anos de casados e dois anos e meio desde que Mel investiu em seu próprio negócio, inaugurando a Sweet Lady Jane Bakery. O nome escolhido, claro, só poderia ser uma homenagem à sua música preferida, que eu cantei sem saber, quando fazia chantagem com ela para sairmos em pleno domingo gelado à noite.

Não foi uma época fácil, admito. Apesar de Mel ter suas economias, depois de fazermos uma análise minuciosa, resolvemos fazer um financiamento para não esgotarmos todas as nossas reservas. No princípio, até que conseguíssemos estabilizar todas as contas, ficamos meio estressados. Mas aos poucos as coisas foram se ajeitando, principalmente pelo fato de a Sweet ter tido grande aceitação e em tão pouco tempo se tornou um sucesso.

Eu continuava trabalhando na Construtora, agora como braço direito do supervisor de obras, apesar de muitas vezes colocar a mão na massa, literalmente. Felizmente não trabalhava nos finais de semana ou não teria tempo para dar continuidade ao meu outro serviço.

Ajeitei melhor o cobertor sobre Mel, deixando um beijo em sua testa. Nem mesmo todo o estresse de contas a pagar, trabalho em excesso, faculdade e outros obstáculos do dia-a-dia foram suficientes para nos deixar desanimados. Estávamos mais unidos do que imaginei ser possível e acredito que isso fortalecia ainda mais nosso amor e nosso casamento.

Não havia nada melhor que esperar ansiosamente pelos finais de semana quando finalmente podíamos passar mais tempo juntos. Não significava, é claro, que ficávamos em casa curtindo preguiça. A Sweet abria inclusive aos domingos, e eu, aos sábados, ficava boa parte do tempo no *império*.

Eu ri, já sob a ducha ao pensar no modo como nos referíamos ao terreno onde estava sendo construída nossa nova casa. Eu disse que um dia ainda proporcionaria uma vida de rainha à Mel, por isso ela dizia que ali era nosso império.

Depois do banho, vesti o jeans velho e camisa de flanela que antigamente eu usava para dormir. Não me preocupei em me agasalhar tanto, já quem em poucos minutos eu estaria suando. Deixei mais um beijo na testa de Mel que se remexeu na cama, mas não abriu os olhos. Eu fiquei de pé ao lado da cama por uns instantes apenas observando seu rosto lindo. Não resisti e curvei meu corpo, aproximando meu rosto do dela novamente.

—Amo você.

Ela resmungou e eu ri, pois isso sempre acontecia. Parecia que mesmo perdida em seu sono pesado, ela sentia minha presença e ouvia minhas palavras. Eu me afastei novamente e sai do quarto para não acordar. Fui até a cozinha para tomar um café e pouco depois eu saía, instintivamente me encolhendo ao sentir o ar gelado do lado de fora. Estava escuro ainda, embora passasse um pouco das seis da manhã, mas isso não era novidade nessa época do ano.

—Bom dia Daniel. Já está indo?

Eu parei, olhando para trás ao ouvir a voz conhecida. Paul vinha acompanhado pela irmã Patty que trabalhava com Mel na Sweet.

—Ei, bom dia Paul... Patty. Estou saindo um pouco mais cedo hoje porque assim volto mais cedo. Planejo sair com a Mel, distrair um pouco.

—Faz bem. Vocês trabalham demais.

—Mas e você? Está indo para onde tão cedo assim?

—Só acompanhando a Patty. Ela quem vai abrir a Sweet hoje.

Geralmente era Mel quem fazia isso, mas ela estava exausta e depois de muito insistir eu acabei por convencê-la a pedir a Patty ou Bianca. A verdade é que nós dois estávamos cansados e admito, precisávamos desacelerar um pouco.

Caminhei ao lado de Paul e Patty por um tempo, até que finalmente nos separamos e eu segui em direção ao "*império*". Meus olhos percorreram todo o terreno, e eu me senti muito feliz nesse momento. Algumas vezes Mel aparecia de surpresa e me fazia companhia, ou me ajudava em algum serviço leve. Mas eu trabalhava sozinho, erguendo com orgulho as paredes de nossa casa.

Não era uma questão de ser orgulhoso em não aceitar ajuda de terceiros. Mas todos os nossos amigos também trabalhavam e estudavam como eu, por isso eu achava injusto tirá-los de casa em pleno dia de descanso para me ajudar. Bom, havia sim um pouquinho de orgulho, mas no sentido de

mostrar para Mel que eu era capaz. Eu não tinha medo ou vergonha de trabalhar duro sob sol ou chuva porque eu fazia o que realmente gostava.

Eu elaborei cada detalhe num esboço de como queríamos nossa casa. Mel me falava o que desejava e assim eu fiz o desenho. Passamos muitas noites sentados na cama, observando o desenho, ou então em frente ao computador criando a nossa casa usando o jogo que eu adorava.

Eu ainda tinha um longo caminho pela frente, afinal as paredes ainda estavam pela metade, mas não tinha outro jeito. E também, eu queria que tudo ficasse perfeito, afinal aquela seria a casa onde eu passaria o resto dos meus dias, ao lado da mulher da minha vida.



Admito que extrapolei. Eu tinha ido além do meu limite, tanto que eu me sentia incapaz de mexer meu corpo, agora jogado de bruços na cama. Felizmente eu ainda consegui tomar um banho retirando todo o suor e sujeira do meu corpo. Depois disso, apenas me sequei rapidamente, coloquei a toalha em volta da cintura e cai na cama, onde estava até agora.

Meu corpo inteiro doía e a impressão que eu tinha era de que um caminhão tinha passado sobre meu corpo várias vezes. Sei que dormi quase imediatamente, mas acordei novamente, nem sei quantas horas depois sentindo algo macio em minhas costas. Eu conhecia bem demais o toque da minha mulher para saber que ela já estava em casa.

— Amor... está se sentindo bem?

— Não...

Resmunguei quase inaudível.

— Que droga, Daniel. Eu passei lá no *império* e merda! Eu lembro como estava até antes de ontem. Você trabalhou para valer hoje. O que deu em você?

— Não sei. De repente me bateu um desespero, um medo de não ter tempo suficiente para aproveitar aquilo tudo com você. Medo de te perder.

Respondi com a voz ainda arrastada, vez ou outra gemendo de dor, já que meus músculos pareciam ter saído de um triturador.

— Odeio quando fica com esses pensamentos. Pare com isso, Daniel. Você ainda terá muito tempo para correr atrás de nossos netos pelo jardim.

Sorri com a imagem que as palavras dela projetaram em minha mente. E depois suspirei ao sentir os lábios macios e quentes deslizando pelas minhas costas.

— Hoje não tem, amor. Estou morto.

— Bobo. Só estou fazendo carinho em você. Mas tente se virar. Eu imaginei que estaria assim e já peguei alguns remédios. Tente tomar.

Eu obedeci, girando lentamente o corpo na cama, e depois, apoiando as duas mãos no colchão, eu me sentei. Fiz uma careta quando tentei esticar o braço para pegar o copo com água.

— É um relaxante muscular, portanto você vai dormir novamente daqui a pouco.

— Mas eu não quero dormir. Fiquei sem você o dia todo. E além do mais, hoje é o dia de fazermos as contas, esqueceu?

— Podemos fazer isso amanhã, Dan. E além do mais, eu tenho outras coisas para fazer. Mas vou ficar bem aqui, sentadinha do seu lado.

Eu a olhei meio desconfiado. Provavelmente estava esperando que eu dormisse para então fazer todos os cálculos sozinha e mascarar algumas contas, como já fez uma vez somente para não me deixar preocupado.

— Isso não vai funcionar dessa vez.

— Estou falando sério. Amanhã vamos nos sentar e fazer a relação de tudo. Hoje eu vou fazer outra coisa.

— Que coisa?

Ela rolou os olhos, me encarando com irritação. Ela sabia que sou curioso, então por que começar a falar se não tinha intenção de continuar?

— Estou resolvendo coisas sobre seu aniversário, satisfeito?

Eu arqueei minha sobrancelha, ainda desconfiado.

— Meu aniversário é em julho. Estamos em fevereiro ainda.

— E daí? Já preparei tudo. Serão só uns ajustes.

— Mel... Mel... o que você anda aprontando?

Sem me responder, ela me empurrou ao mesmo tempo em que me fazia deitar de bruços na cama. Eu poderia impedir, se eu quisesse, mas a verdade é que estava exausto demais para recusar o que sei que ela pretendia fazer.

Eu fechei os olhos e deixei escapar um gemido de pura satisfação ao sentir as mãos macias em meus ombros, massageando, apertando meus músculos, descendo espalmadas pelas minhas costas e subindo novamente pelos meus ombros.

— Um pouquinho de mimo para o meu marido maluco que resolveu trabalhar até a exaustão.

— Precisava disso, Mel. De repente... sei lá, eu senti que precisava terminar logo nossa casa. E não foi isso... eu precisava mostrar a mim mesmo que sou capaz.

Ela ficou um tempo em silêncio e eu quase podia ouvir sua mente. Esperava pelo tom de braveza em sua voz ao me responder, mas sua voz sou baixa e suave, como se estivesse emocionada.

— Tenha um pouco mais de fé em você, amor. Ou acredite no que eu digo. Não é só porque eu te amo, mas você tem valor, Daniel. Você é capaz. Não se subestime, nem se menospreze. Se quer provar isso para você, tudo bem. Mas se eu souber que quer provar para mim ou outra pessoa, ficarei

muito brava.

Eu sorri, os olhos pesando, talvez em consequência do remédio... ou do cansaço. Provavelmente as duas coisas.

— Eu também te amo, Mel. Não me deixe... nunca.

Ela riu baixinho e disse algo, que infelizmente não consegui ouvir.

Capítulo 7



2007

Ninguém estava entendendo minha ansiedade, eu sei, mas também não me importava. A turma da faculdade queria sair para comemorar o fim. Eu mal conseguia acreditar que finalmente cheguei lá. Daqui a alguns dias seria nossa formatura e eu teria meu tão almejado diploma de engenheiro civil. Porém, mais do que minha felicidade por ter conseguido vencer essa etapa da minha vida, havia a surpresa da notícia que recebi há menos de trinta minutos. E não havia ninguém mais no mundo com quem eu queria dividir essa informação a não ser minha esposa.

Além dela, meus pais obviamente, mas Mel foi meu primeiro pensamento. Ela era a responsável por tudo. Principalmente por me chutar várias vezes por causa da minha quase ausência de autoestima. Muitas vezes

eu duvidava da minha capacidade de vencer nos estudos e na vida profissional. Melanie estava sempre do meu lado, dizendo palavras duras às vezes, mas que me impulsionavam a nunca desistir.

—Ah qual é cara? Depois do sufoco que foi esse último semestre merecemos uma rodada da cerveja mais gelada do Dudde's.

—Merecemos sim, Phillip, mas vai ficar para a próxima.

—Até parece que vocês não estão acostumados com isso. Não existe diversão na vida do Daniel se Melanie não estiver com ele.

Apesar do tom jocoso nas palavras de Linda Chase, uma das colegas de curso, eu sabia que havia certo tom de reprovação. Ninguém conseguia entender a minha necessidade de compartilhar tudo com minha esposa. E eu pouco me importava com a opinião deles. Eu era assim mesmo e estava muito bem dessa forma.

Aliás, eu não entendo essa necessidade que as pessoas sentem em procurar motivos, cheias de porquês. Ao longo desses cinco anos com Mel em minha vida, nossa cumplicidade e companheirismo aumentou. Isso sem falar no meu amor por ela. Eu queria absolutamente tudo com ela. Queria principalmente ser um homem à altura dela. Por mais simples e humilde que fosse, não havia como negar a inteligência, a força, a garra da minha esposa. Eu a admirava demais por isso. E eu tinha que ser merecedor dessa mulher.

Apesar de só um pouco mais velho que ela, às vezes eu me sentia um adolescente perto dela. A verdade é que Mel era o lado forte do nosso relacionamento. Não havia nada melhor que conversar com ela, divertir com ela. Qualquer coisa tinha um sabor diferente com Mel por perto. Era isso que ninguém conseguia enxergar. Além disso, nossa vida era corrida demais. Eu saía para o trabalho cedo e de lá ia direto para a faculdade. Mel também saía cedo e ficava na Sweet até as nove da noite. Nosso tempo juntos era ínfimo perto do que eu desejava.

—Não... não existe, Linda. Aliás não existe nem vida se Mel não estiver por perto. Eu preciso ir agora, pessoal.

Eu me despedi sem me importar com os olhares atônitos dos meus colegas diante das minhas palavras. Andei depressa querendo chegar logo, pois hoje Mel estaria em casa, se permitindo um dia de folga. E eu deveria estar no império, se não fosse o estúpido trabalho a ser apresentado em pleno sábado. Mas agora eu estava livre só a espera da formatura e com uma oportunidade no emprego que estava além das minhas expectativas. E por isso minha ânsia em encontrar minha esposa.

Eu continuava fazendo parte da Crowstones Group, que era uma das maiores empresas de construção e engenharia civil do país. O salário era ótimo e eu fazia exatamente o que gostava. Mas eu nunca imaginei que daria um salto tão grande. Bom, eu não imaginava, mas Mel sim, desde que contei a ela que estive frente a frente com o poderoso presidente do grupo, Sebastian Mateschitz.

Realmente não acreditei quando ele elogiou meu trabalho e disse acompanhar minha evolução dentro da empresa. Assim como não acreditei quando ele disse que assim que eu me formasse, eu ocuparia o cargo que ele enxergava para mim. Eu não acreditava até receber sua ligação hoje pela manhã.

Ofegante, eu cheguei em casa, balançando a cabeça negativamente ao perceber que mais uma vez a porta estava destrancada. Joguei minhas chaves sobre a mesinha da sala, já saindo a procura de Mel.

—Mel? Amor... cheguei.

—No quarto.

Corri até lá, parando subitamente à porta, vendo minha esposa sentada sobre a cama com as pernas cruzadas, inclinada sobre algumas dezenas de fotos. Fiquei com o olhar parado sobre ela, o coração batendo um pouco mais acelerado e eu bem sabia que não era por ter caminhado e corrido um pouco. Era por ela.

Observei seus cabelos presos em um rabo de cavalo alto, deixando seu rosto perfeito para ser apreciado. Desci meu olhar pelo corpo perfeito e que me enlouquecia e quando subi novamente para o seu rosto, vi que ela tinha

erguido a cabeça e me encarava com a testa franzida.

Meu olhar ficou preso ao dela, o que foi suficiente para que meu coração acelerasse novamente. Eu me sentia tragado por aquele olhar sempre que fazíamos esse contato visual... eu me perdia nela.

—O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Eu não respondi, apenas caminhei até ela como se estivesse hipnotizado e me sentei à sua frente, inclinando meu corpo e, segurando em sua nuca, eu a puxei para um beijo apaixonado. Surpresa ou prazer, seu gemido foi quase imediato ao mesmo tempo em que ofegava contra meus lábios, o que facilitou a passagem de minha língua, lhe roubando o fôlego. Senti seu corpo estremecer e sorri, descendo minhas mãos pela lateral do seu corpo e, agarrando sua cintura, eu me levantei com ela em meus braços. Soltei uma das mãos e puxei o edredom da cama, jogando fotos e o álbum ao chão.

—Daniel! Nossas fotos.

—Mandamos imprimir outras, amor.

Eu a deitei na cama e nossas mãos trabalharam rápido, nos despindo com nossas bocas ainda grudadas naquele beijo luxuriante. E a partir daí foi como se o tempo parasse. Eu sentia Mel lânguida, trêmula em meus braços, mas ao mesmo tempo me agarrando com força suficiente para nos girar na cama e se colocar sobre mim.

Eu podia impedir se eu quisesse, mas amava a forma como ela se entregava sem reservas da mesma forma que adorava quando ela estava no comando. Eu me deixei consumir pelo fogo que emanava dela, pelas sensações deliciosas da sua boca em minha pele. Nós nos amamos com paixão desenfreada, como se nossos corpos não se encontrassem há tempos, embora tivéssemos feito amor logo pela manhã. Mas sempre era assim... um jamais teria o suficiente do outro.

Quando arrebatados pelo orgasmo, eu puxei Mel para perto de mim, colocando sua mão sobre meu peito e provavelmente ela sentia meu coração

batendo descontrolado.

—Uau...

Ela disse depois de um tempo, mas eu apenas suspirei e coloquei meu rosto entre seus cabelos, inspirando para sentir um pouco mais o seu cheiro.

—Vai me dizer o que está acontecendo?

—Vou, mas antes vou tomar um banho.

—Eu estou convidada?

—Não planejava ir sem você.

Eu me levantei e a peguei feito homem das cavernas, colocando-a sobre meu ombro e fazendo com que ela gritasse, gargalhando em seguida.

—Que homem rude.

—E você adora.

—Sim. Terei imenso prazer em mostrar como eu adoro.

Não é preciso dizer que nosso banho foi um pouco mais demorado que o normal. Mas depois de realmente limpo, eu sai do banheiro antes de Mel. Quando ela voltou ao quarto, eu já tinha arrumado novamente a cama e olhava algumas das fotos que imaginei que ela pretendia colocar no álbum.

Não havia como não me emocionar olhando os registros da nossa primeira viagem juntos. Assim como eu, Mel era uma apaixonada fanática por futebol. E foi assistindo a um dos jogos da copa de dois mil e dois que prometi a ela que um dia iríamos assistir ao mundial ao vivo e não pela tv.

Mas eu jamais poderia imaginar que ela fosse usar boa parte do dinheiro que guardava com a intenção de comprar um carro, para pagar nossa viagem para a Alemanha no ano passado.

Eu ri ao ver a foto em que ela estava com o chapéu da Itália e um copo

gigantesco de cerveja no jogo da final da copa.

Esse foi o presente de aniversário que ela me ofereceu.

—Foi bom, não foi?

—Foi fantástico. E em dois mil e dez estaremos na África do Sul.

—Está falando sério?

—Sim.

Respondi convicto. Olhamos mais algumas fotos e por fim a encarei.

—Recebi um telefonema hoje...de Sebastian Mastechitz.

—Oh não! — Falou se colocando de pé e os olhos brilhando na mais genuína felicidade. —Ele cumpriu...

—Sim. Em breve eu serei o novo engenheiro de produção.

Mel se jogou sobre mim e cai de costas na cama, recebendo o ataque selvagem de seus lábios. Depois encheu meu rosto de beijos me fazendo rir.

—Meu amor...meu amor. Você merece. Eu disse, sempre disse que você seria grande, que seria disputado pelas empresas. Oh Daniel, estou tão feliz por você.

—Obrigado Mel. Por estar sempre me impulsionando.

—Tudo por você Daniel. Para que você nunca desista de nada e continue crescendo cada vez mais. Eu te amo demais, meu amor e me orgulho de você.

—Ah Mel... eu também te amo.

Quando ela me beijou, imaginei que seria abrasador, mas me enganei. Foi terno, doce e demonstrava todo o amor que sentíamos.

Capítulo 8



Dezembro/2007

Cheiro de baunilha, canela, café e chocolate. Isso tudo, além do calorzinho agradável que vinha do forno deixava o clima mais gostoso na cozinha da minha mãe. Enquanto ela se ocupava em preparar cookies e rosquinhas, eu permanecia sentado na cadeira, com as pernas esticadas sobre outra enquanto tomava seu delicioso café.

Estávamos a três dias do Natal, e como acontecia todos os anos, a Crowstones cessava suas atividades uma semana antes, por isso eu estava aqui, jogando conversa fora com minha mãe enquanto esperava a chegada do meu pai. Porém, eu já estava ali há tempo demais e pelo visto ia embora sem me encontrar com ele.

—Acho que a Mel precisa desacelerar um pouco. Desse jeito vai acabar ficando doente. E você não fica atrás.

—Eu já desacelerei, mãe. Depois da formatura passei a ter um pouco mais de tempo livre.

Ela sorriu sonhadora e balançou cabeça, deixando escapar um suspiro.

—Foi tão lindo, meu filho. Não imagina o orgulho que senti vendo você recebendo o diploma.

—Claro que imagino, afinal eu vi como a senhora e a Mel choravam descontroladas.

—Como se você também não tivesse chorado.

E eu chorei mesmo e não sinto vergonha nenhuma em assumir. Eu me lembrei das dificuldades pelas quais Mel e eu passamos logo depois que nos casamos, minhas noites insones estudando e saindo para trabalhar quase morto de sono. Tudo isso sem falar no momento mais difícil que foi minha indecisão em relação ao curso que eu ia fazer. Mas tudo valeu a pena. Naquela noite Mel e eu, depois de comemorarmos com meus pais, saímos e voltamos para casa caindo de bêbados. Foi ótimo, apesar da ressaca no dia seguinte.

—Mas voltando ao assunto, eu concordo que Mel precisa desacelerar um pouco. Estou tentando convencê-la a contratar mais pessoas para a Sweet. Mas ela ama aquilo, mãe. Adora literalmente colocar a mão na massa.

—Como você, não é?

—Sim, como eu. Mas daqui a pouco eu vou até lá para ajudá-la.

—Para ajudar ou para ficar perto dela?

Eu ri, roubando um cookie do tabuleiro e recebendo um tapa em minha mão.

—As duas coisas. Eu precisava resolver umas coisas antes, aí

aproveitei para vir aqui conversar. Vocês estão bem, mãe? Não estão precisando de nada?

—Estamos bem, sim. Seu pai que anda reclamando de umas dores nas costas, mas eu já disse a ele que isso é má postura. Fica curvado sobre a mesa, corrigindo provas e exercícios.

—Pode ser isso mesmo, mas também pode ser outra coisa. Melhor procurar um médico.

—Até parece que não sabe como seu pai é teimoso.

—Vou conversar com ele. Mas farei isso amanhã. Eu realmente preciso ir agora.

—Mas já? —Ela correu até o armário, procurando alguma coisa e eu já imaginava que seria alguma vasilha para colocar cookies para Mel. —Espere um pouco.

Embora cozinhasse divinamente bem, Mel ainda preferia os cookies da minha mãe, e ela, como a boa puxa saco que era, estava sempre mandando esses mimos para ela. Enquanto esperava, eu olhei através da janela, percebendo que seria questão de horas até começar a nevar. Não era raro, mas felizmente sem muita intensidade. Confesso que não sou um grande fã de neve.

—Pronto. Entregue para ela e faça o favor de não ir comendo pelo caminho.

—Ei. O seu filho sou eu, sabia?

—Ela é minha filha do coração. Sabe que eu amo aquela menina.

Não pude deixar de sorrir e sentir meu coração mais leve. Adorava saber que meus pais amavam Mel, não tanto quanto eu, é claro. Eu me inclinei, passando o braço sobre o ombro da minha mãe e deixando um beijo em seu rosto.

—Obrigado, mãe. Eu te amo.

—Também amo você, querido. Mas se tem que ir ajudar sua esposa, vá logo.

Minha mãe me acompanhou até a porta e ao sairmos para a varanda meu olhar foi imediatamente atraído para a casa ao lado. A casa para onde tantas vezes fiquei olhando feito um voyeur psicopata. Estranhei a movimentação e olhei para minha mãe com a testa franzida.

—Que movimento é esse?

Ela deu de ombros, mas me olhando um tanto desconfiada.

—Está assim desde ontem. Isso incomoda você?

Fiz um muxoxo e neguei balançando a cabeça.

—Absolutamente. Só achei estranho. Está sempre vazia.

Quer dizer, eu nem podia dizer isso com certeza, já que na maioria das vezes em que visitava meus pais estava tão entretido com minha esposa que sequer olhava naquela direção. E eu estava sendo sincero. Ter ou não ter alguém ali não fazia a mínima diferença em minha vida. Minha mãe não prolongou o assunto e eu a beijei mais uma vez antes de começar a me afastar. Porém, antes de dar três passos eu me virei novamente.

—Mãe... o dinheiro que estou mandando está sendo suficiente?

—Você sabe que nem precisava mandar nada, filho. Estamos com as contas em dia.

—Não ouse me esconder nada, ok?

—Vá cuidar da sua mulher, ande.

Eu ri e assoprei um beijo para ela, me afastando de vez. Apressei meu passo, pois já estava passando da hora de ir ver minha esposa. Apesar de aparentemente calmo, eu estava meio aborrecido pelos acontecimentos de mais cedo. Odiava quando as pessoas voltavam atrás em suas palavras. Foi

preciso brigar muito para conseguir que o presente de Mel fosse entregue exatamente na data combinada, ou seja, na manhã do dia vinte e quatro. Sabia que ela ficaria brava comigo por ter feito aquela loucura, mas ela não fez o mesmo quando fizeram aquela viagem para a Alemanha?

Ao parar em frente à Sweet eu admirei mais uma vez a fachada. Era o sonho de Mel ali, bonito e imponente à minha frente. Meu Deus... e como o local estava cheio. Agora as pessoas não iam apenas comprar suas guloseimas preferidas e voltar para casa. Principalmente no inverno, muitos gostavam de sentar e apreciar o chocolate quente ou a grande variedade de café expresso, sendo alguns, criação da própria Mel.

Entrei e já exibi um sorriso malicioso ao ver o jovem Jackson perto do balcão em frente a Patty. Eu remexi minhas sobrancelhas e pisquei para ela que me fuzilou com os olhos, mas seu rosto enrubesceu. Desde quando descobri que ela estava apaixonada pelo jovem nerd, eu não parei de importuná-la, seja a incentivando a agarrá-lo ou insinuando que a qualquer momento outra faria isso.

—Ei Patty... Ei Jack.

—Olá senhor Edgcomb.

Eu fiz uma careta recebendo o olhar vitorioso de Patty. Eu odiava quando me chamavam de senhor. Passei direto e empurrei a porta, passando pelo corredor e caminhando até a porta que me levaria até a cozinha. Antes de entrar, eu higienizei minhas mãos, mas sabendo que Mel me faria voltar e fazer de novo, já que eu segurava o pote com seus cookies.

—Boa tarde, gente.

Falei cumprimentando as pessoas que estavam ali literalmente com a mão na massa. A jovem Nice baixou os olhos, envergonhada e eu segurei meu riso. Mel jurava que ela tinha uma paixão platônica por mim, mas eu levava na brincadeira. Era uma boa garota, esforçada e nunca causou problemas.

—Ei Juan...

Cumprimentei o espanhol que era braço direito de Mel na cozinha. Ele me respondeu sob a máscara que tapava seu nariz e boca quando passei por ele indo em direção a que realmente me interessava. Mel estava de costas, concentrada em seja lá o que estivesse fazendo. E eu deixei meu olhar percorrer seu corpo vestido naquela maldita calça branca agarrada ao seu corpo e que me deixava louco. Como sempre seus cabelos estavam presos em uma touca e ela provavelmente usava uma máscara como a de Juan.

Eu me aproximei por trás dela e passei o braço em volta da sua cintura, beijando seu pescoço e subindo até morder o lóbulo de sua orelha. Senti o tremor em seu corpo e sorri ao ver a pele de seu braço arrepiada.

—Oi amor.

—Oi Dan... já estava sentindo sua falta.

—Eu sinto a sua sempre. — Falei e mordi novamente sua orelha. — Fui na minha mãe primeiro. Aliás, ela mandou seus cookies.

—Ah delicia, meu Deus... e eu estou morrendo de fome.

—Como alguém consegue morrer de fome num lugar como esse é um mistério para mim.

—Não seja implicante.

Ela se virou e se afastou da massa que estava abrindo. Abaixou a máscara e me beijou levemente nos lábios. Foi a minha vez de ficar arrepiado, a deixando envaidecida, como se isso fosse alguma novidade.

—Veio para ajudar?

—Claro que sim. Você faz ideia de como está lá fora?

—Muito movimento, não é? Estou tão feliz, Dan, você não tem noção.

—Você merece tudo isso, Mel. — Olhei dentro de seus olhos. Até hoje eu ficava impressionado em perceber como meu coração acelerava quando nossos olhares se conectavam. — Você é maravilhosa em tudo o que faz.

Percebi a emoção em seus olhos, embora aquilo tudo que disse não fosse novidade. Mas ainda assim ela ficou feliz e me beijou novamente.

∞∞∞∞

Eu bocejei enquanto caminhava com Mel até nossa casa. Pouco mais de vinte e três horas e o frio era algo absurdo a essa hora. E assim percebi que fiz muito bem em ter comprado aquele presente de natal para ela. Apesar de nossa casa ficar a apenas um quarteirão da Sweet, ainda assim era péssimo andar pela rua congelada a essa hora.

—Nossa... estou exausta.

—Você tem certeza de que vai abrir a loja no dia vinte e quatro, Mel? Acho que deveríamos descansar ou não teremos nem força para comemorar.

—Só pela manhã, Daniel. Prometo que não vou extrapolar.

—Está bem.

—Oh Deus... será que vou ter coragem de enfrentar um banho ao chegar em casa?

—Se tivesse aceitado mudar para o império poderia desfrutar da nossa banheira.

—Eu já disse que não, Daniel. Eu não me importo de me mudar com a casa ainda sem pintura, mas já imaginou fazer isso depois de estarmos lá dentro? Não se esqueça da sua alergia.

A essa altura da minha vida eu descobri a alergia ao forte cheiro de tinta. Bom, não era bem uma alergia, mas uma intolerância maior do que as demais pessoas em relação a esse cheiro. E era apenas isso que faltava para finalmente nos mudarmos para a casa nova.

—Aliás amanhã eu preciso ir até lá dar uns retoques do lado de fora. Percebi umas imperfeições e preciso consertar antes da pintura.

—Você é perfeccionista demais.

—Eu prometi que seria a sua casa dos sonhos. Isso inclui tudo.

—Sim, inclui inclusive o marido lindo, gostoso e perfeito que tenho.

—Queria ser perfeito. Mas ainda falta algo aí. Algo que precisamos incluir.

—E o que seria?

—Direi mais tarde.

Mel me olhou desconfiada o tempo todo. E eu, a todo instante que olhava para ela, mais sentia aquele desejo crescendo dentro de mim. Olhava para o rosto de Mel e meu coração disparava. Olhava para o seu corpo e todo o meu se acendia e olhava para ela novamente, dentro daqueles olhos incríveis e sentia a vontade de guardá-la em algum lugar só para mim. Mas havia algo mais... algo grande que crescia dentro de mim. E só muito mais tarde, já de madrugada, depois de idolatrar seu corpo maravilhoso eu soltei o que vinha guardando dentro de mim.

Mel ainda estava maravilhosamente nua ao meu lado, esperando sua respiração voltar ao normal. O aquecedor e o próprio calor dos nossos corpos nos impediam de perceber o frio que congelava as ruas. Eu me apoiei em um dos cotovelos e deslizei a mão pela barriga macia e firme de Mel.

—Mel, não acha que está na hora de tentarmos um bebezinho?

—O quê? —Ela girou rapidamente a cabeça, me encarando quase com incredulidade. —Um bebê?

—Você não quer?

Perguntei sentindo meu peito murchar um pouco, para em seguida quase explodir.

—Claro que quero. Mas você nunca disse. Eu pensei que não quisesse.

Rapidamente eu girei meu corpo, me colocando sobre o dela.

—Eu quero. Quero uma pequena princesa como a mãe... ou um garotão, não importa. Eu só quero ver meu filho crescendo dentro da mulher que eu amo.

—Oh Daniel, eu acho que só precisamos praticar um pouco mais.

Abri um sorriso largo, sem precisar de um novo convite.

∞∞∞∞

Eu passei a manga da camisa velha e suja pela testa para limpar o suor do meu rosto. O dia permanecia frio, é claro, como um típico dia de inverno, mas o trabalho pesado não me permitia sentir o vento gelado. Minha pele parecia em chamas. Eu me levantei colocando uma das mãos nas costas e esticando o corpo para trás numa tentativa de amenizar a dor nas costas.

Claro que, acostumado ao trabalho pesado, o simples fato de consertar o reboco na parede do lado de fora da casa não me deixaria tão desgastado. Mas as estripulias da noite anterior com Mel sim. Apesar disso, eu sorri ao me lembrar da loucura que foi nossa noite. E isso foi um erro, pois bastou eu me lembrar de tudo para sentir a vontade de sair correndo dali para jogá-la na cama.

Infelizmente não seria possível já que eu estava no império terminando o serviço para deixar a casa pronta para a pintura, e Mel estava atarefada com as últimas encomendas para o Natal. Vamos ter um filho! Mel concordou em tentar e eu não conseguia enxergar como minha vida poderia ser mais perfeita que isso.

Eu me afastei um pouco e analisei a casa. Dentro de alguns dias ela estaria completamente pronta para nos receber. Demorou, mas era mais um sonho sendo realizado. A casa estava exatamente do jeito que Mel e eu planejamos. Para completar, faltava apenas a pintura na cor escolhida por ela. E claro, depois disso, o jardim que estava sendo planejado por uma conhecida de Mel.

Deixei meus pensamentos voarem, já enxergando nós dois ali, provavelmente correndo atrás de nosso filho. Faltava apenas isso para eu me sentir completamente feliz.

—Olha só você...

Senti meu corpo paralisado ao reconhecer aquela voz. Eu girei bruscamente o corpo e encarei o odioso Ebner me encarando com deboche, asco... e ódio. Elegante como sempre em seus ternos caros e sapatos brilhantes, ele me olhou com desprezo de cima a baixo, reparando em meu jeans surrado, sujo e rasgado nos joelhos, além da camisa de flanela desbotada. De repente ele deu uma gargalhada que me enervou.

—Meu Deus e você ainda sonhava em se casar com minha filha... com uma Ebner. O que foi? Ela me disse que você estava estudando curso de direito. Não conseguiu segurar o rojão?

Por que eu não conseguia falar nada? Eu estava travado no lugar, ouvindo aquelas barbaridades, mas sem me manifestar.

—Um pedreiro! Minha filha queria se casar com um pedreiro! Que bom que interfeiri antes. Como é que você se sente trabalhando como um mísero pedreiro, construindo um palácio desses sabendo que nunca vai morar em um?

Ainda rindo, ele atravessou a rua e entrou na BMW, dando a partida em seguida. Eu apenas o acompanhei com o olhar, sentindo o ódio percorrer minhas veias. Talvez eu tenha ficado calado porque a minha vida não era da conta daquele desgraçado. Mas talvez também, porque eu ainda teria o mórbido prazer de um dia mostrar a ele quem ia morar naquele palácio, como ele se referiu à minha casa.

Capítulo 9



Janeiro/2008

Aquela cena se repetia há cinco anos, ou melhor, há seis anos, já que o relógio marcava exatamente meia-noite e dois minutos. Primeiro dia do ano e assim como nos anos anteriores, Mel e eu estávamos na praia, sobre a mesma pedra onde eu a pedi em namoro. Era ali que sempre passávamos a virada do ano, vendo fogos de artifício e, cada um às vezes preso nos próprios pensamentos, agradecia pelo ano que se foi. E nós tínhamos muito o que agradecer.

Como todos os outros, o ano que passou não foi fácil, mas nós lutamos e conseguimos. Foi um ano de muito trabalho, muito estresse, mas também de muitas conquistas. Passamos o Natal com meus pais, além de recebermos a visita de Paul, Sasha, Mary Anne, Leonel, Patty, Juan e Rico, seu

namorado.

Como eu previ, Mel me deu um pequeno sermão por eu ter lhe dado um carro de presente de Natal. Mas eu não me importei... não depois de ver a felicidade estampada em seu rosto. E ainda não era o que eu pretendia, já que eu não queria um carro popular. No entanto, eu também não poderia dar um salto maior do que a perna e naquele momento era o que eu podia fazer e não ficar endividado depois. Mas claro, popular, importado ou não, nada disso importava a Mel. Ela adorou e naquela noite de Natal eu fui recompensado de uma forma inesquecível.

—Mais um ano...

Mel falou depois de um suspiro.

—Que será ainda melhor do que esse que passou.

Nossas mãos permaneciam unidas e eu fazia círculos com o polegar no dorso da mão pequena e macia. Eu já não prestava mais atenção aos fogos que ainda pipocavam no céu, pois meus olhos não conseguiam se desviar da minha esposa. Ela estava com a cabeça levemente erguida, olhando para o céu e aquele sorriso lindo não saía de seu rosto. Quando ela girou a cabeça para me olhar, ainda estava sorrindo e havia um brilho intenso em seus olhos. Sem perceber, me peguei sorrindo também.

—Nesse outono serão sete anos desde que nos conhecemos. Confesso que esse número não me agrada.

—Supersticiosa? Não conhecia esse seu lado.

—Pode ser. Eu sempre ouvi falar da crise dos sete anos e admito que tenho medo.

—Bobagem, amor. — Eu girei o corpo e a fiz girar também ficando de frente para mim. — Nós já tivemos brigas, discussões e sempre soubemos dar a volta por cima. Que venha a crise dos sete anos. —Falei debochadamente porque achava aquilo um absurdo. —Nós vamos sobreviver.

—Não deboche, Daniel.

—Mel... você não vai se livrar de mim, amor. Já disse que vamos sobreviver. Meu amor é mais forte que qualquer crise estúpida.

Levei minha mão até seu rosto, passando o polegar sob seus olhos quando percebi lágrimas escorrendo de seus olhos.

—O que houve Mel?

Ela colocou as mãos sobre as minhas, olhando dentro de meus olhos por alguns instantes e por fim jogou os braços em volta do meu pescoço buscando minha boca. Abracei sua cintura, grudando nossos corpos e deixando minha língua acariciar a dela, me deliciando com aquela boca que conseguia me tirar de órbita. Sempre. Ela se agarrou mais a mim, repuxando os cabelos da minha nuca correspondendo ao beijo com fome, com paixão.

Quando nos afastamos ofegantes, eu mordi levemente seu lábio inferior, passando a língua em seguida e sorrindo ao vê-la estremecendo. De olhos fechados, com um sorriso débil, Mel deu um suspiro.

—Quase sete anos e você me beija como se fosse a primeira vez.

—A emoção e a paixão são as mesmas desde a primeira vez.

Ela abriu seus olhos fantásticos para mim e foi a minha vez de estremecer. O magnetismo deles sempre me deixava preso, atordoado.

—Eu também sinto assim, Daniel. Tanto que... acho que já quero ir para casa.

Eu ri, jogando minha cabeça para trás, mas voltando em seguida e me curvando um pouco para roçar a ponta do meu nariz no dela.

—Primeiro golpe do ano.

—Ah Dan, por favor, você me impediu de ir até lá esses dias. Eu não faço ideia de como esteja... estou curiosa.

—Ok... vamos lá.

—Jura?

Os olhos dela brilhavam como os de uma criança em um parque de diversões. Mas eu a entendia, obviamente. Era nosso sonho já pronto para ser vivido. Nossa casa já pronta, faltando apenas nossos móveis. No entanto, eu fiz algumas coisas que Mel ainda não fazia ideia, mas que tenho a certeza de que ficaria feliz. Era necessário fazer isso para o dia de hoje.

Fomos caminhando de mãos dadas, passando pelas pessoas que se aglomeravam nas ruas comemorando a chegada do novo ano. Eu puxei Mel para os meus braços quando uma turma um tanto alterada veio cambaleando em direção a ela.

—Idiota.

Resmunguei quando um deles assoviou e passou olhando ostensivamente para Mel.

—Estão bêbados, Dan.

—E daí? Não quero ninguém olhando para minha mulher.

Mesmo sem olhar para ela, eu sabia que estava rolando os olhos diante do meu ciúme. E eu tinha mesmo, não nego. Aliás, ultimamente eu estava me tornando mais ciumento do que normal, mas nada preocupante. Nada que manchasse o sentimento bonito que nutrimos um pelo outro.

—Ai... amor, eu não estou me aguentando de curiosidade. Diga a verdade. Ficou bonita?

—Está linda, Mel. Acredito que como você queria.

—Cristo... vamos logo então.

Falou começando a correr e me puxando pela mão. Corremos, rindo pelas ruas, mas em determinado momento eu a agarrei pela cintura e em seguida a coloquei em minhas costas. Seguimos assim por um tempo, ainda

rindo feito dois adolescentes atraindo a atenção das pessoas. Somente quando estávamos prestes a virar na esquina que nos levaria à nossa casa eu parei, tirei Mel de minhas costas e coloquei as duas mãos sobre seus olhos.

—Ah não... não faça isso.

—Você só a verá quando estivermos em frente a ela. Calma que falta pouco agora.

—Você é tão maldoso, Daniel.

Eu ri, mas o coração batia acelerado, de repente com medo que ela não aprovasse alguma coisa. Aquilo tudo era dela e eu não queria que ela ficasse insatisfeita de forma nenhuma. Mel não voltou aqui desde que terminaram as obras dentro de casa, portanto ela não fazia ideia de como estava. Para mim estava perfeito.

Quando paramos em frente à casa amarela, como ela queria, eu me coloquei um pouco atrás dela, com as mãos ainda tapando seus olhos.

—Eu amo você, Mel. Eu espero fazê-la muito feliz aqui em seu império.

Ela estremeceu, não sei se pelas minhas palavras ou se pela rouquidão em minha voz. Então eu retirei minhas mãos e vi que Mel ainda levou um tempo antes de lentamente abrir os olhos. Ela ofegou, sua boca se abrindo sem emitir mais nenhum som enquanto dava dois passos para a frente. Seu olhar percorria toda a fachada da casa com janelas e portas brancas, desviando para o caminho de pedras que levava até a garagem de onde era possível ver o seu carro.

—Nosso carro... como o trouxe sem que eu percebesse?

—Você estava meio distraída ontem. E então? Está do jeito que sonhou?

Ela fez que não remexendo a cabeça, mas ao mesmo tempo girando e me encarando. Aí eu vi as lágrimas molhando seu rosto.

—Está além do que imaginei. Meu Deus, Daniel e você fez isso tudo sozinho!

—Bom, sozinho não. Afinal eu precisei do pessoal para colocar a laje. Além é claro, do pessoal do acabamento e da pintura.

—Sim, mas o resto...

Ela não disse mais nada, apenas pulou em meus braços, com o rosto em meu pescoço voltando a chorar.

—Nós seremos muito felizes aqui, Daniel. Eu sei... eu sinto.

Eu pressionei meus lábios em sua testa, antes de a afastar gentilmente.

—Venha... vamos entrar.

Segurando em minha mão, percebi que ela tremia um pouco e tive a certeza disso quando lhe entreguei as chaves da casa.

—Abra.

Ela abriu a porta, entrando lentamente na sala escura. Atrás dela eu acendi as luzes e novamente ela ofegou, levando as mãos à boca. Tenho a certeza de que ela imaginou que ainda estaria tudo sujo e empoeirado, mas não foi isso que o encontrou. Antes que ela dissesse alguma coisa eu expliquei tudo.

—O pessoal trabalhou incansavelmente após o Natal. Tanto os pintores quanto a equipe da limpeza. Só faltam os moveis agora, Mel e nós dois.

Ela não respondeu, seguindo para os outros cômodos, apreciando cada detalhe. A cozinha, como não poderia deixar de ser, foi o lugar onde ela mais se demorou, passando a mão em cada canto do espaço claro e amplo.

—Acho que nunca mais vou sair daqui.

Eu ri e me aproximei, a abraçando por trás.

—Está gostando?

—Estou amando tudo, amor. Nossa... nunca imaginei que já estaria tudo assim.

—Vamos lá em cima então. Quero que veja nosso quarto.

Seguimos de mãos dadas, mas novamente em silêncio. Agora sim meu coração parecia que ia saltar do peito. Sei que Mel jamais me faria uma grande desfeita, mas eu estava com medo de que ela não apreciasse o que escolhi. Porque era bem óbvio que ela sequer imaginava que ali, onde seria nosso quarto, já havia uma enorme cama à nossa espera.

—Oh meu Deus... o que você fez, Daniel?

Foram suas palavras quando abri a porta do quarto e ela viu a cama perfeitamente arrumada e ao lado o frigobar. Por cima dela, o balde com o champanhe e taças.

—Espero que a cama seja do seu agrado.

—Você... você é louco. Eu não esperava encontrar nada disso. Achei que só haveria poeira e nada mais. Mas você... você.

Mais uma vez ela estava em meus braços, com a boca na minha, me beijando como se sua vida dependesse desse beijo.

—Não é por todas essas coisas que você fez... quer dizer, é também por isso. Mas é pelo fato de você se esforçar tanto para me ver feliz, Daniel. Você é o homem mais incrível que eu já conheci. E eu te amo demais.

—Eu queria que o primeiro dia do nosso ano fosse aqui em nossa casa. Acho que temos tudo o que precisamos.

Falei olhando para a cama, mas ao mesmo tempo segurei sua mão e a levei até o banheiro.

—Não acredito.

Seu olhar estava cravado na banheira, que sempre foi seu sonho de consumo, como me confidenciou assim que começamos a construção.

—Eu já não sei se quero transar com você ou se quero me jogar nessa banheira.

Dei uma risada maliciosa.

—Bom, quem disse que não podemos fazer as duas coisas?

Ela me olhou através do espelho, me vendo desabotoar a camisa e jogar ao chão, em seguida tirando os tênis e a calça. Quando seus olhos se encontraram com os meus, o que vi refletido neles era mais que tesão e paixão. Era algo tão intenso que eu me peguei desesperado para proporcionar somente felicidade a ela, para que assim, eu pudesse ver aquele brilho úmido sempre.

∞∞∞∞

Já amanhecia, mas não tínhamos sono. Abraçados na varanda do nosso quarto, Mel e eu observávamos o tempo cinzento, mas que em nada nos aborrecia. Estávamos juntos, o que mais poderíamos desejar? Ah sim... nosso bebê. Mas esse viria logo, se fossemos olhar nossas extenuantes tentativas durante a madrugada.

—Está rindo do que?

—Nada. Pensando em nosso bebê e em nossas tentativas.

—Você é um bobo, Daniel. Sabe que isso pode levar tempo, afinal eu usei anticoncepcional por muitos anos.

—E daí? Eu não me importo de ficar tentando.

—Ah eu sei que não. Tentando na cama, na banheira, de pé no banheiro... o que mais?

—Não precisa se afobar tanto. Teremos muitos cômodos para estrear. A cozinha, por exemplo.

—Nem pensar, minha cozinha é sagrada.

Eu mordisquei a ponta de sua orelha, e senti quando ela estremeceu e seus seios nus sob minha camisa que ela vestia se enrijeceram.

—É? —Enfiei uma das mãos dentro da camisa, apertando levemente seu mamilo e recebendo um gemido em troca. —Olha que eu faço você mudar de ideia.

—Que droga, Daniel... é bem capaz de conseguir isso mesmo.

Eu ri e retirei minha mão, apertando Mel ainda mais em meus braços.

—Está frio. Vamos voltar para cama? A gente deixa a porta aberta para ver a paisagem.

—Eu quero ver outra paisagem, senhor Edgcomb.

Num impulso a peguei no colo levando diretamente para a cama. Mas antes que mergulhasse novamente no calor dos braços dela, Mel colocou a mão em meu peito, traçando uma linha até meu umbigo.

—Eu quis te perguntar antes, mas acabei esquecendo. Eu notei você meio chateado dias atrás, pouco antes do Natal. Aconteceu alguma coisa?

Eu engoli seco porque fiz a besteira de olhar dentro dos olhos dela enquanto me fazia aquela pergunta. E eu que imaginei que meu aborrecimento tinha passado despercebido. Mas como? Mel me conhecia bem demais.

—Nada importante.

—Nada importante não deixaria você com aquela carranca. Sabe que pode confiar em mim, Daniel.

—Eu encontrei com o senhor Ebner... pai da Anika.

—Ah...

—E eu não gostei das coisas que ele me falou. Ele tripudiou sobre mim, Mel. Debochando porque achava que eu era simplesmente um pedreiro construindo essa casa. Teve a audácia de me perguntar se eu conseguia imaginar como seria morar em um palácio como esse.

Soquei minha mão fechada sobre a cama, sentindo o amargor daquelas palavras mais uma vez. Eu odiava aquele homem. Pensei que Mel se afastaria por que estar falando sobre aquele homem, mas ela girou na cama e se colocou sobre mim, se sentando bem em cima do meu membro, mordendo os lábios e espalmando as duas mãos em meu peito.

—E você ficou chateado por isso? Você sabe o seu valor, Daniel. E aliás, se você fosse somente o pedreiro construindo uma casa, qual o problema? Você nunca teve medo ou vergonha de encarar qualquer tipo de serviço. Pense assim...

Ela deu uma rebolada me fazendo fechar os olhos e deixando escapar um gemido. Sobre o que estávamos falando mesmo?

—Pense em como será divertido quando ele souber quem mora nessa casa? Hã? Eu mesma terei o prazer em dizer a ele que aqui mora o homem que ele jamais conseguirá ser um dia. O mais integro, mais trabalhador, mais inteligente, mais forte... e mais gostoso que eu conheço.

Não resisti e girei nossos corpos, me colocando sobre ela e atacando sua boca num beijo ardente. Um dia eu ainda morreria de tanto amor por essa mulher.

Capítulo 10



Junho/2008

Junho chegou trazendo consigo um calor infernal, com temperatura acima da média pegando a todos de surpresa. E foi assim que fiquei me perguntando como Mel e eu sequer pensamos na possibilidade de uma piscina em nossa casa. Mas logo descartei esse pensamento, afinal ambos estávamos trabalhando tanto que mal teríamos tempo para curtir piscina. Os meus finais de semana eram tranquilos, mas Mel ainda tinha muito trabalho na Sweet. Somente há algumas semanas ela colocou Juan como gerente e dessa forma teríamos mais finais de semana tranquilos.

Duas semanas após o ano novo nós nos mudamos para o império. E confesso que estava amando nossa nova casa. Não que não gostasse da outra. Eu gostava muito, tanto que ela permanecia fechada, mas ainda com alguns

móveis que não levamos. Vivemos momentos inesquecíveis ali e por isso relutávamos em aluga-la.

Financeiramente falando, nossa vida melhorou bastante. Hoje em dia não tínhamos mais aquela preocupação de colocar cada despesa na ponta do lápis. Claro que ainda fazíamos isso, mas sem aquela necessidade de regrad certas coisas com medo de um endividamento.

Já em casa e de banho tomado, eu segui para a cozinha onde peguei a jarra de suco, copo e levei para a varanda, me sentando e colocando a jarra e o copo sobre a mesa. Vestia apenas um calção e apreciei o calor do sol sobre minha pele. Há quinze minutos recebi a mensagem de Mel avisando que já estava vindo para casa. Ultimamente eu não trabalhava mais aos sábados, porém hoje fui chamado por Sebastian, e durante nossa conversa, fui incumbido de ser o responsável por uma nova obra.

Os papéis estavam em minha pasta no escritório, mas eu não ia me dar ao trabalho de analisar nada hoje. Principalmente porque eu teria que viajar na segunda-feira por causa desse empreendimento, por isso, queria passar o máximo de tempo possível com Mel sem pensar em trabalho ou qualquer outra coisa além de nós dois. Se bem que, nem se eu tentasse ia conseguir me concentrar no trabalho. Quando estávamos juntos, eu só tinha olhos para minha mulher.

E isso se confirmou no momento em que o carro prata surgiu, percorrendo o caminho de pedras e parando na garagem bem ao meu lado. Ao descer, o olhar de Mel já estava cravado em mim, assim como o meu nela, percorrendo seu corpo de cima a baixo, deliciosamente sedutora naquele vestido de verão.

—Meu Deus... se essa não é a visão do paraíso então não sei o que pode ser.

Mel falou enquanto se aproximava de mim, e tão logo ficou ao alcance de minhas mãos, eu a puxei para o meu colo. Imediatamente suas mãos apertaram meus ombros, apalpando meus músculos como ela gostava de fazer.

—Oi. —Beijei sua boca de leve. —Por favor, diga que veio para ficar. Nada de trabalho até segunda de manhã.

—Nada de trabalho até segunda de manhã.

—Amém.

Ela riu deitando a cabeça em meu ombro.

—Estou realmente cansada. Acho que estamos trabalhando demais, Daniel. Sua mãe está certa, precisamos desacelerar.

—Eu estive pensando... podíamos tirar umas férias. Já está chegando meu tempo, está mais do que na hora. E você, agora que colocou Juan como gerente, também pode se afastar.

—Nossos pensamentos estão em sintonia. Eu vim pensando exatamente nisso.

—Então, enquanto você toma seu banho, eu vou terminar o almoço e mais tarde poderemos fazer uma pesquisa de alguns lugares interessantes.

—Acho ótimo. Mas o que meu maridinho fez para o almoço?

Eu rolei meus olhos e me levantei com ela no colo. Como se eu fosse um grande chef de cozinha!

—Não seja debochada. Sabe muito bem que só vou descongelar o que você deixou preparado.

—Nessas férias vou colocar você de volta na cozinha. Vai aprender fácil.

—Nem venha com essa conversa fiada. Já ficou comprovado que sou um fiasco na cozinha.

Eu realmente acreditava que quando se tem vontade de aprender algo, basta se empenhar. No entanto, preparar alimentos era uma coisa que não exigia apenas boa vontade. Exigia talento e decididamente eu não tinha. Nem

mesmo com Mel ao meu lado monitorando tudo, eu conseguia preparar algo realmente comestível.

Entramos em casa com ela ainda pendurada em mim, mas se afastando assim que parei aos pés da escada.

—Não demore. Não quero perder um minuto ao seu lado.

—Prometo que não vou demorar.

Eu segui para a cozinha enquanto ela tomava seu banho. Coloquei a assadeira no forno, tentando me lembrar do tempo e temperatura do forno. Voltei à varanda e peguei a jarra com o suco, que não era o preferido de Mel, portanto eu faria outro para ela. Ah sim... isso eu sabia fazer e muito bem. E enquanto fazia isso, eu tentava pensar em lugares interessantes para curtimos nossas férias.

Sei que estava sendo muito irresponsável por continuar trabalhando tanto, principalmente por ter prometido a minha mãe que eu ia desacelerar um pouco. Bom, eu realmente comecei a fazer isso, mas quando surgiu uma obra importante de um mini shopping, não pude resistir. Só então me lembrei dos papéis que estavam no escritório. Esperava sinceramente que não fosse algo grandioso demais.

Eu ainda estava distraído, assoviando enquanto preparava o suco quando Mel entrou na cozinha. Seu cheiro gostoso me atingiu antes mesmo que eu ouvisse sua voz.

—Ah que delícia estar em casa...

Rindo, eu girei o tronco e meu sorriso morreu no momento em que a vi vestida naquele short colado ao corpo, a barriga à mostra por causa do top que mal comportava seus seios. Praguejei baixinho, deixando as frutas sobre o balcão e me virei para olhá-la melhor.

—Caramba, Mel...

—O que foi?

Perguntou com falsa inocência enquanto pegava um morango e o levava aos lábios. Eu acompanhei o trajeto, olhando feito um faminto enquanto aquela boca succulenta mordia o morango. Além de morder de uma forma que deveria ser proibido, ela ainda teve a ousadia de passar a língua nos lábios.

Nem eu mesmo percebi o momento em que avancei até ela e a agarrei, apertando meu corpo no dela, sentindo o gosto da fruta enquanto a beijava.

—Vamos lá para cima, amor.

Sussurrei quando já estava sem fôlego de tanto beijar minha esposa.

—Para que perder tempo?

Suas mãos estavam no cócs do meu calção, o empurrando para baixo e fazendo meu corpo tremer.

—Podemos fazer aqui.

—Aqui? —Arregalei meus olhos, surpreso e excitado. —Mas não era uma área proibida?

—Não mais.

Eu abri um sorriso largo começando a descer seu short. Acho que nosso almoço podia esperar uns minutos... ou horas.

∞∞∞∞

—Inferno.

Esbravejei, enquanto caminhava apressadamente pelo corredor que me levaria até a sala de Sebastian. Como se não bastasse estar atrasado, eu sequer olhei os documentos que me foram entregues. Meu final de semana foi exclusivo para Mel.

Recusamos até mesmo o convite de minha mãe para que almoçássemos com ela no domingo. Praticamente não saímos da cama... ou do banheiro... da sala.

Consultei mais uma vez o relógio de pulso, suspirando aliviado ao ver que ainda faltavam dois minutos.

Dei uma batida na porta, empurrando assim que ouvi a voz de Sebastian.

—Bom dia.

—Oh aí está nosso homem. Bom dia Daniel.

Se eu não estivesse com o olhar tão fixo em Sebastian, certamente teria que percebido quem estava naquela sala. Depois de cumprimenta-lo e girar para cumprimentar meus novos clientes, eu congelei no lugar, olhando com incredulidade para o casal.

Bem a minha frente estavam o maldito Ebner... e Anika. Meu olhar ficou parado na loira que fora minha paixão adolescente. Ela me encarava de volta como se também não acreditasse no que via.

—Daniel?

Sua voz soou baixa e tremula.

—É esse o responsável pela minha obra?

—Sim. Daniel Edgcomb.

—Você só pode estar brincando comigo. Eu quero alguém competente e não um simples pedreiro.

—O senhor está enganado. Daniel é um de nossos engenheiros. E um dos mais requisitados.

Eu queria segurar meu sorriso debochado, mas foi impossível diante da surpresa explícita no rosto do senhor Ebner.

—Mas também já foi um excelente pedreiro ou não teria erguido a própria casa sozinho.

—Casa?

Resolvi que estava na hora de agir e mostrar aquele escroque quem eu era e minha competência.

—Sim. —Falei com enorme orgulho. — Aquela casa onde me viu pouco antes do Natal. Aliás. ..aquele palácio, como o senhor disse.

Ele empalideceu e só então me permiti encarar Anika novamente. Continuava tão bela quantos antes e me olhava com admiração e algo mais que não soube decifrar.

—Bom...vamos lá? Estou ansioso para trabalhar em seu projeto, senhor Ebner.

Mentira. Eu não queria ver aquele homem nem a quilômetros de distância. Mas essa era minha chance de mostrar a ele quem era o vida torta sem eira nem beira, como ele se referiu a mim no passado.

Nossos olhos duelaram por um tempo até que a voz de Anika chegou até mim.

Desviei meu olhar parando sobre ela e notei seus olhos em mim. Especificamente no grosso aro dourado em meu dedo. Quando percebeu que eu a encarava Anika sorriu e mordeu os lábios. Eu desviei o olhar.

E quase duas horas depois quando tudo já estava acertado, nós apertamos nossas mãos com firmeza. Fiz o mesmo com Anika.

—Será um prazer trabalhar com você, Daniel.

Ela falou com voz suave, segurando minha mão mais tempo que o necessário.



Minha cabeça doía, latejava e tudo o que eu mais desejava era o conforto da minha casa, me esquecendo desse dia. Eu realmente cheguei a pensar em recusar e passar o projeto para outro colega.

Mas minha vontade de esfregar todas as ofensas na cara do Ebner falou mais alto.

Deixei-o acertando mais alguns detalhes com Sebastian e segui apressadamente para minha sala. Não almocei e já eram quase três da tarde, o que contribuía para o meu nervosismo.

—Daniel?

Eu parei ao ouvir meu nome na voz de Anika. Não me virei e então ela se tornou colocou a minha frente. Deu um sorriso tímido, mas eu apenas a encarei.

—Eu... eu não sabia que você tinha se casado.

—Não havia motivo para saber sobre minha vida.

Falei e voltei a andar, parando novamente ao ouvir suas palavras.

—Eu sempre procurei saber sobre você.

Girei e a encarei com a testa franzida.

—Por quê?

—Porque eu te amo. Sempre te amei.

Eu ri e balancei a cabeça.

—Que bela maneira de amar.

—Você... você ama sua esposa? É feliz?

—Isso não é da sua conta. —Vociferei com raiva, fechando minha mão como se quisesse socar alguma coisa. —O que pretende com isso?

—Reconquistar você e provar meu amor.

Eu me mantive indiferente, olhando para ela de maneira quase fria. Então, sem dizer nada eu me afastei sem olhar para trás.

Quando entrei em minha sala notei que eu tremia. Eu me joguei na cadeira e deixei minha cabeça tombar sobre a mesa. Eu tinha que me afastar... era o correto a ser feito. Mas algumas palavras estavam martelando em minha mente. E essas palavras praticamente me forçavam a continuar.

Seriam no mínimo seis meses em companhia de Anika e do pai até que o condomínio com pequenos chalés na cidade vizinha estivesse pronto.

Eu não fazia ideia de como Mel receberia essa notícia, principalmente porque teríamos que adiar nossos planos de férias. Eu precisava conversar com ela o mais depressa possível.

Estressado, eu me levantei decidido a ir para casa. Mas assim que sai de minha sala encontrei novamente Anika no corredor.

Ela me olhou de uma forma tão intensa que por um momento fiquei sem reação. Mas por fim, quando ela sorriu de maneira sedutora, eu me afastei com um aceno de cabeça.

Casa... meu lar. O lugar onde eu me sentia em paz. Mas estranhamente nessa noite eu não consegui relaxar. E pior... eu sequer consegui manter um bom contato visual com Mel.

Capítulo 11



Junho/2008

Seis da manhã e apesar de só começar a trabalhar às oito, eu já estava de banho tomado, arrumado e sentado na varanda com uma xícara de café. Eu precisava disso para me manter acordado, já que passei a maior parte da noite em claro. Travava uma batalha contra mim mesmo, sendo que uma parte queria continuar com esse projeto e mostrar para aquele velho infeliz que eu não era mais o pobre coitado que ele conheceu um dia. Mas outra parte dizia que eu devia me afastar, abandonar aquela droga de projeto e viver minha vida como se nada tivesse acontecido. Porém... por que eu deveria me afastar? Por que eu deveria fugir como um covarde? Fugir do que? Não havia perigo algum.

Sorri meio de lado, sarcasticamente ao me lembrar da expressão no

rosto do velho quando soube que eu era o engenheiro e um dos mais requisitados da Construtora. E melhor ainda foi seu ar embasbacado, a boca literalmente aberta ao saber que essa casa era minha, construída por mim.

—Velho estúpido.

Resmunguei e curvei meu corpo para frente olhando para o chão. Eu precisava conversar com a Mel e contar tudo... absolutamente tudo. Principalmente minha conversa com Anika. Ri novamente em deboche ao me lembrar de suas palavras. Sempre me amou... Amou porra nenhuma. Se em algum momento no tempo em que estivemos juntos, ela tivesse me amado, jamais teria feito o que fez. Teria sido pelo menos honesta comigo, antes de desfilar com o noivo.

—Amor...

Eu dei um pulo, derrubando um pouco do café no chão ao ouvir inesperadamente a voz de Mel atrás de mim. Ela se sentou no meu colo, pegou a caneca de minha mão e a colocou sobre a mesa. Depois segurou com delicadeza em meu rosto praticamente me forçando a olhar em seus olhos.

—O que está acontecendo?

—Nada...

Falei dando uma risadinha nervosa. Inferno... por que eu estava escondendo isso dela?

—Eu conheço você, Edgcomb. Você não estava legal ontem, se mexeu na cama a noite inteira e acordou bem mais cedo que o normal. É algum problema no trabalho?

Eu fiquei em silêncio por um tempo. Verdade... a verdade sempre. Ela merecia isso. Mas para minha completa surpresa, minhas palavras contradiziam meus pensamentos.

—Não aconteceu nada, Mel. É apenas cansaço mesmo.

—Nós dois sabemos que não é verdade. Mas você deve ter um motivo

para não querer me contar nada agora. Só não se esqueça de que sempre pode confiar em mim, sempre estarei aqui para ouvir e ajudar você no que for possível, está bem?

Eu apertei meus braços com força à sua volta, colocando meu rosto entre seus seios. Covarde... malditamente covarde. Eu queria fazer o velho engolir cada palavra que ele me disse e eu sei, tinha certeza de que Mel com seu coração de ouro me faria acreditar que o melhor caminho seria ignorar e seguir em frente... e eu não queria isso.

—Amo você, Daniel. Nunca se esqueça disso.

Fechei meus olhos, engolindo seco e piscando repetidas vezes para espantar minhas lágrimas.

—Também amo você, Mel.

Quando quarenta minutos depois Mel saía de casa para o trabalho, eu a observei da varanda, sentindo meu coração agitado. Ela era linda e sorrindo daquele jeito enquanto acenava em uma despedida, eu repetia para mim mesmo que eu era o homem mais sortudo por tê-la em minha vida. A simples ideia de não ter Mel era o suficiente para que eu ficasse louco.

Estava decidido. Ao chegar ao trabalho, ia falar diretamente com Sebastian e expor minha situação. Eu realmente estava cansado, exausto na verdade e precisava de férias. Não seria uma desculpa e muito menos uma fuga. Não era isso o que estávamos planejando? Férias e uma viagem para a Noruega.

Sai de casa alguns minutos depois de Mel, usando o carro da Construtora que ficou comigo no dia anterior. Eu ia tentar de todas as formas engolir e esquecer todas as humilhações que ouvi como se nunca mais tivesse encontrado aquele bastardo em minha vida.

Resoluto, eu entrei no prédio da Crowstones vinte minutos mais tarde, caminhando até a sala de Sebastian, parando apenas para cumprimentar a secretária. Quando Ernest Ebner e Anika chegassem para nosso encontro provavelmente já encontrariam outro engenheiro encarregado da obra.

Apressei o passo e ao chegar à porta da sala de Sebastian parei com a mão no trinco. Eram as vozes de Ernest e Anika sem dúvida alguma. Estava óbvio que os dois estavam ali sozinhos.

Ouvi meu nome e sem perceber preendi a respiração ao mesmo tempo em que meu coração disparava, batendo forte... tão forte que minha cabeça chegou a girar e eu apoiei uma das mãos na parede. Encarei a porta, tentando me decidir entre entrar ou voltar e esperar um pouco como se nada tivesse acontecido.

Como se tivessem vida própria meus pés começaram a se mover me levando de volta à mesa de Lolla. Eu não conseguia pensar coerentemente, minha cabeça latejava e minhas vistas ameaçavam escurecer. O impacto daquelas palavras ainda refletia diretamente em meu coração que batia cada vez mais acelerado.

—Cristo...

Sussurrei antes de me aproximar da mesa, atraindo a atenção de Lolla.

—Daniel... está tudo bem?

—Si...sim, ótimo. Pode me fazer um favor? Avise ao senhor Ebner para me encontrar em minha sala.

—Pode deixar, eu aviso.

—Obrigado.

Eu me afastei a passos largos e entrei em minha sala, deixando a porta aberta. Não me sentei, pois, minha ansiedade não me permitiria ficar tão quieto. Andei de um lado a outro, mordendo os dedos, a cabeça fervilhando tentando colocar todas as ideias em ordem. Aquelas palavras verberaram em minha mente, com um impacto que jamais imaginei.

Ouvi o som de saltos no corredor e me coloquei por trás da mesa, ainda de pé até que meus clientes surgissem. Eu quase podia sentir o veneno circulando em minhas veias ao olhar para aquele velho filho da puta. Mas

desviei meu olhar para Anika que estava elegante em um vestido verde água. Meu olhar parou no dela e por instantes eu me lembrei da adolescente que se esgueirava comigo pelos cantos para não sermos pegos pelo pai.

Não sei exatamente o que ela viu em meu olhar, mas o que viu a fez ofegar e um sorriso discreto surgir em seus lábios pintados de vermelho. Eu sorri de volta, mas voltei minha atenção para Ernest quando ele pigarreou.

—Bom dia. Espero que não os tenha feito esperar muito.

—Bom dia, Daniel. De forma alguma. Nós é que chegamos mais cedo.

—Acho melhor não perdermos tempo então. Podemos ir?

—Bom, eu vim justamente para avisar que eu não poderei ir pois tenho outros compromissos, mas Anika está mais por dentro de tudo que eu e poderá ajuda-lo melhor. Algum problema nisso?

Voltei mais uma vez meus olhos para Anika, vendo a expectativa brilhando nos olhos dela.

—Absolutamente.

Respondi e dessa vez ela sorriu mais abertamente. Eu sei que talvez, eu me arrependesse disso, mas era tarde para voltar atrás. Eu não conseguiria... não depois de ter ouvido tudo o que Anika disse.

∞∞∞∞

Cotovelos apoiados na mesa e as mãos enterradas nos cabelos. Essa era minha situação nesse momento. Há uma semana eu aceitei ser o engenheiro responsável pela obra dos chalés. Há uma semana eu trabalhava incansavelmente sobre o projeto, tendo Anika como companhia quase todos os dias. E há uma semana eu mentia para Mel. Ou ocultava... o que no final das contas era a mesma coisa. Eu não contei que estava trabalhando para Ernest e Anika Ebner. Não contei que Anika estava disposta a me reconquistar.

—Inferno.

Bradei batendo os punhos com força sobre a mesa. Eu não conseguia mais recuar. Aliás, essa hipótese já não passava pela minha cabeça. Agora eu só precisava conter a Mel e ver qual seria sua reação. Eu esperava sinceramente que ela não me incentivasse a abandonar o projeto. Muito mais que disposto a provar minha competência, eu estava realmente animado em ser o responsável pela obra. Eu sabia que no final ficaria tudo perfeito.

—Oi.

Eu pulei de susto ao ouvir a voz de Mel. Eu estava no escritório que construí em nossa casa e sequer percebi ou ouvi seu carro chegando. Ela me olhava da porta e ao encará-la não soube decifrar seu olhar.

—Oi... eu nem ouvi você chegar.

—É... percebi. Você estava distante.

Não falei nada, apenas engolindo seco sem deixar de olhar para ela. Seu rosto não trazia aquele sorriso caloroso e que alegrava meus dias. Droga... droga... é obvio que eu andava estranho e ela percebia. Abri a boca para começar a me desculpar, mas fui cortado.

—Você já jantou?

—Claro que não. Estava esperando você.

—Estou sem fome. Mas vou tomar um banho e já desço.

—Ei... —Falei quando ela se afastou. —E meu beijo?

Mas ela não voltou. E assim eu entendi que de alguma forma ela sabia o que estava acontecendo. E quando vinte minutos depois ela saiu do banho, eu estava sentado em nossa cama à sua espera. Ela nunca demorou tanto em um banho após chegar do trabalho. Quando não tomávamos juntos, ela ou eu tomava o banho rapidamente para termos mais tempo juntos.

Ela me olhou rapidamente e seguiu para o closet, voltando com seu

short e camiseta do pijama. Meu sangue circulou mais rápido como sempre acontecia quando ela estava por perto. Eu queria agarrá-la agora e me esquecer do mundo, mas seu olhar me impedia. Eu via tudo o que não queria ver, mas sabendo que eu era o grande causador. Mágoa.

—Por que você não me contou?

Perguntou subitamente e provavelmente empalideci.

—O que?

—Sem mentiras, Daniel. Eu esperei pacientemente que você me contasse o motivo de estar tão estranho, mas você se fechou. E qual não foi minha surpresa quando descobri que você está trabalhando no projeto do senhor Ebner. E pior... que sua ex paixão está de volta à frente desse projeto.

—Como você soube?

—Não importa, inferno. —Ela gritou perdendo a paciência. — É óbvio que não foi através de você porque foi covarde.

—Não!

Falei me colocando de pé. Não queria ser chamado de covarde, mas no fundo eu agi como um.

—Sim! Qual é a sua, Daniel? Ficou balançado demais por ela e resolveu me esconder isso com medo que eu o impedisse de aceitar o projeto? Tipo, ou ela ou eu?

—Pare com isso, Mel e me deixe explicar.

Mas ela ergueu a mão me impedindo de falar. Eu senti como se uma faca perfurasse meu peito quando vi seus olhos marejados.

—Ainda está apaixonado por ela, não é?

—Por Deus, Mel... eu amo você. Você!

—Eu não estou falando de amor. Estou falando de paixão, Daniel. Eu realmente acredito que uma pessoa pode amar uma e se apaixonar por outra. São coisas diferentes. Você me ama, mas ela mexeu com sua paixão proibida.

Eu balancei a cabeça negando, mas não tive coragem de encarar seus olhos. Eu sabia que ela ia ler em meus olhos tudo o que se passava dentro de mim. Talvez fosse melhor assim, mas eu cheguei a um ponto em que não podia mais voltar atrás. Ou melhor, eu não queria voltar atrás. Eu poderia deixar meu passado lá... aonde ele deveria ficar. No passado. Mas eu não faria isso. Não depois de ouvir as palavras de Anika. Não depois de ter passado quase uma semana ao lado dela, vendo seu olhar sobre mim. Talvez eu estivesse cego demais e me arrependesse disso, mas não agora. Agora eu só queria fazer o que meu coração mandava.

Capítulo 12



Agosto/2008

Dor em cada músculo do meu corpo, a cabeça latejava e meu estômago revirava como se eu estivesse em um dos piores episódios de ressaca. Eu sentia meu coração batendo de um jeito estranho, totalmente atípico e eu só podia atribuir tudo isso à minha noite mal dormida... e meu relacionamento com Mel. Eu queria me espancar por ter omitido coisas e consequentemente ter causado tanta mágoa a ela. Eu precisava consertar isso.

—Daniel...

A voz chegou aos meus ouvidos ao mesmo tempo em que senti o toque frio em minha mão que estava sobre a mesa. Eu dei um salto, olhando assustado para frente e encontrando os olhos azuis de Anika. Imediatamente

recolhi minha mão, passando-a em meu cabelo num gesto nervoso.

—O que foi? Está tão distante.

—Nunca mais faça isso.

—O que? Eu só segurei em sua mão.

—Exatamente. Eu sou casado e não quero dar a impressão de que estou traindo minha mulher.

—Bom, mas você disse que seu relacionamento não anda bem. Até permitiu que eu tentasse conquistar você. Ou mentiu?

Eu continuei encarando seus olhos. Ao contrário do que acontecia quando eu estava com Mel, eu não perdia o foco se fizesse aquele contato visual.

—Disse ou não disse?

Ela insistiu e eu afirmei. Sim, inferno... eu disse.

—Mas isso não muda o fato de que ainda sou casado, Anika. Eu devo respeito e fidelidade a ela.

—Sabe... eu fico me lembrando das vezes em que nos encontramos escondidos, muito apaixonados, sem medo algum de sermos descobertos porque nosso amor era maior do que tudo. Olhe, eu sei que eu devia ter lutado contra meu pai. Mais do que isso, eu deveria ter dito a verdade a você quando estivéssemos a sós e não da forma como foi. Eu sei que errei, Daniel, mas tem tanta coisa que você não sabe... não entende.

—Você poderia ter tentado me fazer entender.

—Eu ainda tenho chance, não tenho?

Eu desviei meu olhar, observando os clientes do restaurante onde toda a equipe envolvida no projeto estava almoçando. Eu nem deveria estar ali. Eu deveria ter ido embora para almoçar com Mel como fazíamos quase todos os

dias. Quando voltei meu olhar para Anika, ela parecia prestes a sofrer uma síncope tamanha ansiedade.

—Se você já terminou então podemos ir. Eu tenho que trabalhar em umas alterações que planejei e quanto mais cedo eu terminar, mais rápido vamos começar as obras.

Ela abriu a boca, um tanto surpresa e parecendo disposta a continuar o assunto, porém eu me levantei, colocando o dinheiro dentro da pasta deixada pelo garçom. Sem me preocupar com cavalheirismo, eu me afastei, ainda sentindo a cabeça prestes a explodir tamanha dor que eu sentia.

Felizmente depois disso eu me reuni com a equipe que sempre trabalhava comigo a fim de ouvir suas impressões a respeito do local. Foi exatamente o que pensei e então dessa forma eu ia poder trabalhar do jeito que imaginei, fazendo as alterações fundamentais no projeto levado por Ernest.

Sinceramente eu tive vontade de rir quando vi o projeto, não querendo menosprezar nenhum colega de profissão, mas sabendo que o que eu imaginava para o lugar ficaria muito melhor com as alterações que ia propor.

Não sei se era minha ansiedade ou se era o cansaço que fazia com que eu desejasse que aquele dia acabasse logo, porém as horas pareceram se arrastar. Não havia nada pior no mundo do que trabalhar sentindo o peso do mundo sobre os ombros, sem falar na maldita cabeça que não parava de doer. Tanto que antes das cinco da tarde eu juntei meus materiais e sai. Não encontrei mais Anika em meu caminho.

Assim que entrei no carro eu inclinei a cabeça para trás, fechando meus olhos ao sentir as pontadas nas têmporas. Meu estômago ainda reclamava em protesto a alguma coisa que eu não fazia a menor ideia. Dei a partida com destino a minha casa, de onde eu ligaria para Sebastian informando a respeito do que ficou decidido. Felizmente eu não ia precisar passar na Crowstones para deixar o carro porque eu mal sentia as pernas para dirigir, que dirá caminhar.

Cerca de uma hora depois eu estacionava na garagem de casa, sentindo

alívio por finalmente estar ali. Desci do carro, mas antes de entrar eu permaneci parado olhando a fachada. Lembranças do primeiro dia do ano quando Mel e eu viemos para cá voltaram à minha mente. Ela estava tão feliz, tão fantasticamente linda apreciando nossa casa! Era inadmissível que eu a tivesse magoado.

Entrei e depois de colocar minhas coisas no escritório fui direto para o banho. Esperava que a forte e morna água da ducha fosse capaz de me deixar um pouco mais relaxado, mas logo vi que seria insuficiente. Talvez fosse minha consciência zombando de mim, tentando me alertar para as merdas que eu estava fazendo.

Eu me joguei na cama apenas com a toalha em volta da cintura, o olhar fixo no teto. Algumas horas de sono até Mel chegar da Sweet resolveriam meu problema. Era isso. Eu só precisava dormir um pouco. Fechei meus olhos depois de ligar o ar condicionado, afinal eu não me dava tão bem com o calor.

Mas foi um engano. Bastou fechar os olhos e tentar relaxar o corpo para que uma profusão de imagens, fatos e últimos acontecimentos viessem à minha mente numa avalanche, e eu me sentindo como se estivesse num redemoinho, girando e sendo jogado de um lado a outro.

—Inferno.

Gritei me sentando na cama, mas imediatamente levando a mão à cabeça. Eu me levantei ignorando a tontura e fui até o closet, vestindo uma bermuda e jogando a toalha ao chão. Sei que Mel ficaria brava ao ver isso e talvez isso fosse bom. Era preferível vê-la brava comigo a magoada.

Desci e fui para o escritório, pegando os materiais que eu ia precisar para fazer as modificações que eu queria. Ignorei minha dor de cabeça e meu cansaço e me entreguei ao que eu precisava e adorava fazer. Não vi as horas passarem, mergulhado no trabalho. Mas minha atenção foi despertada quando meu celular tocou sobre a mesa.

Atendi ao ver o nome de Sebastian na tela, só então me dando conta de que já eram quase nove horas da noite.

—Sebastian.

—Ei Daniel. E então... como estão as novidades?

—Estou trabalhando no projeto nesse momento. Estive lá no terreno hoje e algumas coisas precisam ser modificadas com urgência ou em pouco tempo teremos problemas.

—Eu imaginei isso quando Ernest me trouxe os projetos. Sabia que você ia perceber as falhas logo de cara.

—Sim... estão gritantes. —Fechei os olhos massageando as têmporas e com isso me veio uma ideia. — Aliás, Sebastian, eu preferia trabalhar em casa esses dias até ter tudo do jeito que imaginei.

—Sem problema nenhum. Você sabe a melhor forma de trabalhar e sabe que confio em você.

—Obrigado por isso.

Eu ainda estava me despedindo dele quando enxerguei os faróis do carro se aproximando. Levantei-me imediatamente, sem tirar meus olhos da janela de onde eu conseguia ver Mel descendo do carro. Desliguei o celular e fiquei a observando descer e dar a volta até a entrada, sem olhar em minha direção. A luzes estavam acesas, então obviamente ela sabia que eu estava ali. Eu, merecidamente estava sendo ignorado.

Eu voltei a me sentar, prestando atenção aos movimentos dela pela casa. Depois de um tempo os barulhos cessaram e eu imaginei que ela tinha subido para um banho. Eu daria um tempo até ela descer novamente e então tentaria conversar. Não queria ficar brigado com ela, embora soubesse que eu merecia esse tratamento.

Aproveitei esses instantes e deixei meu corpo escorregar um pouco na cadeira, cruzando os braços e fechando os olhos. Tão cansado... tão absurda e estupidamente cansado, mas não conseguia relaxar e me entregar ao descanso. Talvez o que faltasse era me desculpar com Mel, ver seu sorriso perfeito de novo, sua risada calorosa, seu olhar inquietante. Eu precisava

dela. Somente isso.

Porém, meia hora depois quando voltei a ouvir sua movimentação, eu me levantei sabendo que ela não fazia questão alguma de vir até mim. E ela estava coberta de razão, afinal eu fiz a merda, eu teria que consertar. Sai do escritório e ao chegar na sala interceptei seu caminho até a cozinha.

—Oi.

Ela falou sem me olhar, tentando passar por mim, mas eu segurei seu braço. Ela usava um roupão e seus cabelos úmidos estavam soltos. Seu cheiro me atingiu como um raio, me deixando atordoado e, louco de paixão por ela, eu a puxei, girando meu corpo e colando o dela ao meu.

—Pare...

—Mel me perdoe, por favor. Eu imploro... eu sei que fui um merda por ter escondido isso de você. Mas eu não quero brigar. Por favor, me perdoe.

Quando ela ergueu aqueles olhos gloriosos para mim, eu não fugi do seu olhar como vinha fazendo. Eu sustentei seu olhar e vi que ela franziu minimamente a testa, como se enxergasse algo de estranho em mim.

—Por quê? Por que esconder isso de mim, Daniel? Nós sempre fomos honestos um com o outro. Sabe como me senti quando ouvi Juan comentando que aqueles dois estavam de volta à cidade? Felizmente ele não sabe que meu marido foi apaixonado por Anika ou estaria com pena de mim.

—Eu errei... errei, ok? Mas estou arrependido, Mel. Eu juro.

—Diga-me só uma coisa, com toda sinceridade. Você ainda é apaixonado por ela?

—Não.

Falei com veemência olhando dentro dos olhos dela.

— A volta dela mexeu com você, não foi?

—Não.... quer dizer, não sei. Mas não dessa forma que está pensando. Mel... — Eu segurei em seu rosto sem quebrar a conexão entre nossos olhos. Eu queria que ela visse a verdade ali. —Eu amo você. Você. Somente você. Para sempre.

Sem que eu esperasse, ela jogou os braços em volta do meu pescoço, buscando minha boca. Foi o que bastou para que nossa paixão explodisse. Gostosa, intensa, de tirar o fôlego. Quando dei por mim, eu estava sentado no sofá com meu calção arriado até minhas pernas e Mel sentada em meu colo. Sedento, eu procurava sua boca a todo instante, louco por seus beijos, inebriado por seu cheiro e cada vez mais excitado com seus gemidos. Arranquei seu roupão, imediatamente segurando seus seios e buscando seu olhar.

—Esse roupão significa alguma coisa?

—Bom, talvez eu desejasse que isso acontecesse e quis facilitar as coisas. Agora cale a boca, Daniel. Eu preciso de você dentro de mim.

Não precisei de mais incentivo, adentrando seu corpo com paixão enquanto apertava sua cintura e minha boca devorava seu seio. Mas ela queria me castigar com sua boca, então agarrou meus cabelos, puxando minha cabeça para cima e me beijando novamente até perdermos fôlego. Aliás não só o fôlego. Perdi a noção de tudo, só conseguia sentir a mulher que eu amava se entregando a mim com a paixão ardente de sempre. Eu fechei meus olhos em Êxtase total enquanto entrava e saía de seu corpo, porém Mel exigia mais.

—Não feche os olhos para mim, Daniel.

Eu voltei a encara-la, me perdendo de vez em seu olhar.

—Eu não quero te perder.

—Você não vai me perder nunca, Mel... nunca. Eu sou completamente seu.

—Eu amo você, droga.

—Não mais que eu a você.

Entre gemidos quase obscenos, nós nos entregamos ao êxtase, agarrados como se fôssemos um só. E nessa noite, embora não tivesse conseguido dormir mais uma vez, os motivos foram outros. Já era madrugada quando Mel se enroscou em meu corpo e eu fiquei velando seu sono.

∞∞∞∞

Nos dias seguintes nossa vida pareceu finalmente entrar nos eixos. Eu estava trabalhando em casa e dessa forma Mel vinha almoçar comigo todos os dias. Quando ela voltava para o trabalho, eu me entregava novamente ao projeto só parando quando ela chegava à noite. Eu, por mais que trabalhasse e me sentisse exausto, não conseguia dormir. Eu estava dividido entre me jogar na cama e descansar eternamente e trabalhar exaustivamente até ficar satisfeito com o resultado do projeto. Mas a minha vontade de terminar o projeto vencia meu cansaço.

Era estranho perceber que eu me sentia quase apático, disposto a largar tudo e ao mesmo tempo trabalhando freneticamente. Era uma distorção das coisas que não fazia muito sentido para mim. Mas felizmente Mel e eu estávamos bem e isso servia para deixar meus dias mais felizes.

—Vamos almoçar juntos?

—Sim. Eu só preciso mostrar o projeto e se aprovado volto para casa. Não vamos começar nada hoje, então... estarei livre, amor.

—Hum... — Mel me abraçou pela cintura, por trás de mim, colocando a cabeça contra minhas costas.

—Ela vai estar lá?

—Provavelmente. Mas isso não importa.

Eu me virei e a abracei segurando seu queixo para que ela me olhasse. Meu coração sempre ia acelerar quando ela me olhava assim tão

profundamente?

—Eu te amo. Quero você, quero nossa vida juntos. É para sempre, Mel.

—Deus... quando você olha assim em meus olhos eu não tenho dúvida alguma de suas palavras.

—Porque são verdadeiras. Mas agora acho que nós precisamos ir.

—Ok... almoço hoje.

—Não se atrase, senhora Edgcomb.

—Bom... se você me garantir uma boa sobremesa.

Palavras... somente aquelas palavras espalharam uma onda de calor pelo meu corpo.

—Com certeza.

Falei mordiscando sua orelha e rindo ao sentir que ela estremecia. Nós nos despedimos na garagem de casa e depois cada um seguiu seu caminho. E eu... com um sorriso que devia ocupar metade do meu rosto. Tudo isso por causa dela. Mel tinha esse poder sobre mim.

∞∞∞∞

Uma hora e meia depois de chegar à Crowstones, eu observava atentamente a expressão no rosto de Ernest Ebner. Ele parecia não acreditar no que via e engolia seco a todo instante. Provavelmente buscava alguma palavra que dissesse que estava satisfeito, mas que não elevasse muito meu ego. Eu me levantei, apoiando as duas mãos sobre a mesa onde o projeto estava aberto para análise dele.

—Bom, acho que o senhor gostou das mudanças...

—Sim, tenho certeza que Anika vai aprovar. É uma pena que não esteja

aqui hoje. —Ele ergueu a cabeça e me encarou. — Parabéns, rapaz, admito que você é muito bom.

Dei uma risada debochada, sem deixar de encarar o homem empertigado à minha frente.

—Bom o bastante para sua filha?

—Ainda não, afinal você é casado. Anika jamais será amante.

—Mas ela já foi... ela se encontrava comigo enquanto estava noivo de outro. Não deve ser muito difícil para ela.

Eu não estava atento o suficiente, ou teria visto o punho acertar meu rosto, o que me fez dar um passo para trás. O ódio explodiu em mim e me impeliu para frente já com os punhos fechados. Mas então eu subitamente parei. Com a raiva que eu estava, eu provavelmente faria um estrago nele. Se eu fosse um pouco mais esperto, eu teria rasgado aquele projeto e desistido daquela merda nesse instante. Mas novamente as humilhações que aquele velho me fez estavam ali... na borda... prestes a transbordar.

Capítulo 13



Setembro/2008

Tudo ruía. Talvez a única coisa intacta até agora fosse meu emprego, apesar do que, eu já não sentia ânimo nem mesmo para trabalhar. Mas mesmo assim eu me obrigava, trabalhando até a exaustão e incrivelmente minha mente estava focada no que eu fazia sempre buscando a perfeição. Eu não podia falhar. Mas enquanto meu projeto ia criando vida, meu casamento ia naufragando... mais uma vez. E agora eu nem sei se teria mais volta.

Desde o dia em que levei um soco de Ernest pelas coisas que falei de Anika, meu ódio por ele só fazia aumentar. Talvez ele tenha percebido isso e se afastou de vez, deixando todas as resoluções da obra a cargo de Anika. Dessa forma ela estava sempre por perto e isso começou a refletir em meu casamento. Eu nunca imaginei que um dia ouviria Mel me dar um ultimato,

praticamente exigindo que eu saísse da linha de frente e deixasse a cargo de outro engenheiro. Mas eu ainda não estava satisfeito. Eu precisava esfregar aquilo tudo na cara dos Ebner. A minha última discussão com Mel estava vívida em minha mente, como se fosse hoje, apesar de ter sido há um mês.

Lembranças

Eu não conseguia assimilar muito bem o que Mel dizia, pois, minha constante dor de cabeça me impedia até mesmo de abrir os olhos. Mas eu percebia sua presença indignada à minha frente.

—Eu não acredito que seu desejo de vingança contra esse homem seja mais forte que sua vontade de lutar pelo nosso casamento.

—Nosso casamento nem deveria estar no assunto. Você é quem está surtando à toa, Mel. Quantas vezes eu preciso repetir que eu amo você?

—E isso basta? Pode bastar para você, mas não para mim. Você passa praticamente o dia todo ao lado da mulher pela qual você foi apaixonado e acredita mesmo que eu ficarei tranquila?

—Pois deveria! Isso foi no passado... acabou. Que droga.

—Ela sabe que acabou? Porque não foi o que vi naquele dia em que fui buscar você. O olhar dela era de quem estava ali para reconquistar você.

Eu me calei, engolindo seco, mordendo com força meus lábios.

—Daniel?

—Eu... eu disse a ela que poderia tentar me reconquistar. — Ela ofegou e aquilo foi uma facada em meu peito. —Eu disse que nosso casamento não estava bem.

—É claro que não está! —Ela berrou e eu ergui a cabeça, assustado. Seu rosto estava banhado em lágrimas e eu me levantei tentando ir até ela. — Fique aí. Você malditamente fique onde está.

Ela se afastou, mas mesmo assim eu fui me aproximando, o coração

batendo loucamente, ciente da merda que eu tinha feito, ou mais uma das tantas merdas que vinha fazendo.

—Meu Deus... por que você fez isso? Era para ter um estepe? Se realmente você não conseguisse se segurar a teria disponível para você?

—Não. Não... eu nem sei por que eu disse isso. Mel, eu juro, ela nunca sequer tocou em mim.

—E você acha que eu acredito? Depois de tantas mentiras, você acha mesmo que acredito em você?

Eu não respondi porque não havia o que responder. Como eu poderia querer sua confiança se eu mesmo estava me encarregando de destruir a fé que ela tinha em mim?

—Você... você nem me toca mais, Daniel. Há quantas semanas não fazemos amor? É porque seu desejo é todo por ela, não é?

Eu avancei até ela segurando seu rosto entre minhas mãos.

—Não. Não é nada disso. Eu só... sei lá... estou cansado demais, exausto na verdade.

Ela tocou meu rosto também, olhando em meus olhos e eu fechei os meus, deliciado com seu toque.

—O que está acontecendo com você? Eu não te reconheço mais.

A verdade é que nem eu mesmo me conhecia mais. Mas a noite, quando ouvi o choro baixinho de Mel, eu chorei junto com ela, que se agarrou ao meu corpo enquanto eu a amava sem pressa, olhando dentro de seus olhos tão úmidos quanto os meus. E nem mesmo assim eu me dei conta de que os cacos estavam espalhados demais para juntar novamente.

Fim - lembranças

—Daniel? Cara... o que está acontecendo?

Eu girei a cabeça, a testa franzida em confusão. Pisquei algumas vezes até me dar conta de que quem me chamava era um dos pedreiros da obra. Sua mão estava em meu ombro e eu percebia sua boca se mexendo, mas eu não ouvia som. Passei a mão em minha testa, sentindo o suor escorrendo, embora eu sentisse um pouco de frio.

Abaixei a cabeça, ofeguei e abri a boca buscando um pouco de ar. Sentia minha garganta se fechando e a vontade cada vez mais insuportável e crescente de gritar até explodir em lágrimas. Eu não gritei, mas senti a lágrima quente escorrendo pelo meu rosto, enquanto me lembrava da expressão desolada no rosto de minha mãe há dois dias.

Por Deus... eu gritei com minha mãe. Eu pedi para que não se metesse em minha vida. E em troca eu recebi o olhar destruído do meu pai me dizendo para eu voltar para casa somente depois que eu virasse homem novamente.

—Eu acho que ele não está bem.

Consegui ouvir aquelas palavras ao longe e em seguida o toque em meu rosto. Através da cascata de lágrimas eu vi o rosto de Anika. Nas últimas semanas ela vinha se insinuando cada vez mais para mim. Eu não permitia que ela cruzasse a linha, mas nunca disse uma só palavra para fazê-la desistir.

—O que está acontecendo, meu amor?

O que eu diria? Eu não sabia o que diabos estava acontecendo. Só sabia que eu fiz uma enorme merda ao me envolver com os Ebner novamente. Eu tentava sair daquela situação, mas algo me puxava de volta.

—Venha comigo, Daniel. Eu vou cuidar de você.

Eu me levantei e a segui com passos trôpegos em direção ao seu carro, apesar de ter a plena convicção de que só uma coisa poderia me trazer à superfície novamente. Ou melhor, somente uma pessoa. Mas Anika achava que podia me ajudar. Então eu fui.

∞∞∞∞

Eu me sentia mais leve, embora aquele frio dentro do meu peito só pudesse significar a ausência de alguma coisa. Minhas dores de cabeça e meu excessivo cansaço desapareceram como num passe de mágica. Talvez eu só precisasse mesmo libertar o que estava preso dentro de mim. Depois de abrir meu coração para mim mesmo e enxergar o que estava lá dentro... eu finalmente tomei minha decisão. E agora estava indo para casa.

Não parei para reparar na beleza do exterior da casa como sempre fazia. Fui logo entrando e observando tudo fechado e abafado. Mel não gostava de ambientes tão fechados. Estranhei quando entrei em nosso quarto e não a vi, deitada de lado em nossa cama como todas as noites. E eu nem deveria me surpreender, afinal nosso casamento naufragava e não havia mais volta. Eu me aproximei da cama e abri o envelope que estava sobre meu travesseiro, prendendo a respiração ao ver seu conteúdo. Mel se adiantou a mim, me concedendo o divórcio que já era uma realidade em nossas vidas há alguns meses. Tempo exato em que ela voltou às nossas vidas e destruiu tudo o que construí ao lado de Mel. Ela... Anika.

Ainda segurando o envelope, eu sai do quarto e segui para o quarto de hóspedes onde sabia que ia encontrá-la. Apenas a luz fraca do abajur iluminava o ambiente, e assim, eu percebi seu rosto manchado pelas lágrimas logo que me aproximei da cama.

Eu me sentei na poltrona, sentindo um aperto em meu peito. E não era uma sensação boa, muito pelo contrário. Definitivamente não era pena. Mel não era digna dela. Era uma mulher forte, batalhadora, honesta, íntegra, fiel. Eu não tinha adjetivos suficientes para descrevê-la. O que eu sentia era culpa. Uma horrível culpa que me corroía desde o momento em que Anika reapareceu em minha vida.

A loira Anika que foi minha paixão de adolescência e se estendeu até os vinte anos quando finalmente aceitei que nunca daria certo entre nós. A distância social que nos separava era grande demais. Então eu conheci Mel e acreditei que ela era tudo o que eu precisava para esquecer aquela estúpida paixão. E eu consegui. Acredito que amo a minha esposa. Mas eu realmente não acredito que se possa amar uma pessoa e ainda assim se apaixonar por

outra... ou continuar apaixonado.

Mas isso aconteceu. Eu descobri que ainda sou loucamente apaixonado por Anika... e isso afundou meu casamento. Porque paixões são fortes... violentas e exigem ser vividas. Por isso eu segurava agora aqueles papéis do divórcio. Mel sabia que mais cedo ou mais tarde eu faria isso. Eu abandonaria meu casamento para viver a minha paixão interrompida anos atrás. Honestamente, era o certo a fazer. Mel não merecia uma traição. Não merecia um homem incompleto. Não merecia um homem como eu.

Suspirando, eu me levantei da poltrona e olhei mais uma vez para o rosto triste da minha esposa.

—Perdoe-me.

Falei baixinho antes de sair e seguir para o quarto que fora nosso. Precisava tomar um banho... e seguir para meu encontro com Anika. Ela vinha me pressionando e tenho a certeza de que agora ficaria feliz em saber que eu estava livre. Livre para ela. O engraçado é que eu não me sentia tão livre assim. Claro, aquela aliança pesava em meu dedo. Eu a tirei e coloquei sobre o criado enquanto seguia para o banho. Tentei não pensar na decepção que eu estava sendo para os meus pais. Acontece que as pessoas precisam entender que alguns sentimentos são inevitáveis. Não temos culpa. Eu fui atingido por esse sentimento tão forte, tão intenso praticamente me atirou naquele precipício em que me encontrava agora. Chegava a ser doentio, mas decididamente era algo que estava além da minha compreensão, além das minhas forças. Eu tentei... juro que tentei me libertar disso, mas falhei. Foi mais forte que eu. Eu me sentia inundado por esse sentimento.

Ao sair de casa, eu prestei atenção às folhas amareladas caídas na calçada. Outono. Foi assim, numa tarde de outono que eu conheci Mel. E agora, novamente num final de tarde de outono... ela me deixava ir.

...Continua a narrativa do Daniel no livro III - Manhãs de primavera. Teremos no livro II - Noites de inverno, a narrativa da Mel, que se inicia num ponto um pouco antes do final do livro I. É necessária a leitura do

livro da Mel para entendimento do livro III.